



a Siakhona

MAIO DE 1960

a liahona

MAIO DE 1960
VOL. XIV — N.º 5

Órgão Oficial das Missões Brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Neste Número

EDITORIAL

Pagamento do Dízimo — Um Sacrifício e uma Recompensa, Presidente
Wm. Grant Bangerter 124

DE INTERESSE GERAL

À Minha Mãe, Rosita Guelfi Moeller 125
A Missão Suíça — Austríaca, Preston R. Nibley 127
Oremos Sempre, Presidente J. Ruben Clark 130
Um Compromisso Pessoal, Elder Reed H. Bradford 132
Fé, Essa Conquistadora, James A. Little 134
Durante a Revolução Mexicana Dois Membros Morrem Corajosamente
pela Verdade 159

SEÇÕES ESPECIAIS

A Igreja no Mundo 123
Jóias do Pensamento, Elder Mark E. Peterson 123
Eu Gostaria de Saber, Presidente Joseph Fielding Smith 128
Conferência dos Jovens em Curitiba 136
O Sacerdócio nas Missões: Faça Isto e Seus Problemas Serão Resolvidos 148
Suplemento da Lição dos Mestres Visitantes 150
Meu Testemunho 151
Seu Ramo 156..
Reminiscências 158

Aceitamos suas contribuições mas não nos responsabilizamos pelos artigos
não solicitados.

REDAÇÃO

Editores — Wm. Grant Bangerter, Asael T. Sorensen

Redatores — S. Layne Shockley, Owen J. Stephens

Diretor Gerente:

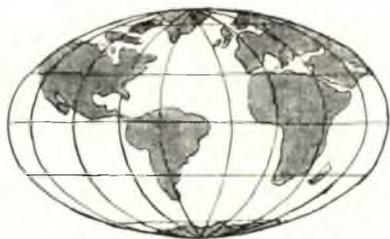
Clarel Majra dos Santos

Registrado sob o N.º 93 do Livro
B. N.º 1 e Matrículas de Oficinas
Impressoras. Jornais e Periódicos, con-
forme Decreto N.º 4.857, de 9-11-1930.

PREÇOS:

Exterior: Ano US\$ 3,50
No Brasil: Ano Cr\$ 150,00
Exemplar: Cr\$ 15,00

Missão Brasileira
R. Itapeva, 378 - Bela Vista - C. Postal
862 - S. Paulo, E.S.P. - Fone: 33-6761



As Autoridades Gerais da Igreja Organizam Novas Estacas na Inglaterra e na Austrália.

Por *Henry A. Smith*

Editor de Notícias da Igreja

Um anúncio histórico da Primeira Presidência no mês de março nos dá conta dos planos de criação das primeiras estacas da Igreja na Europa e na Austrália.

As duas novas estacas a serem criadas no domingo, dia 17 de março, estão localizadas, na área de Manchester, Liverpool e Preston na Inglaterra, a outra na área de Sydney em Novas Gales do Sul na Austrália.

Com essas novas estacas o número total de estacas na Igreja se eleva a 294.

A estaca na Inglaterra compreenderá a área conhecida como “berço europeu” da Igreja, onde foram realizados os primeiros batismos na Europa, pelos missionários Santos dos Últimos Dias, em 30 de junho de 1837. Nove conversos foram batizados naquele dia no Rio Ribble, próximo da ponte “Old Tram”, em Preston.

Ambas as novas estacas serão criadas pelos membros do Conselho dos Doze que agirão de acordo com a Primeira Presidência.

O Elder Harold B. Lee, do Conselho dos Doze, dirigirá a organização da estaca na Inglaterra e será assistido pelo Elder Alvin R. Dyer, Assistente do Conselho dos Doze e Presidente das Missões Europeias.

A organização australiana será dirigida pelos Élderes Delbert L. Stapley e Marion G. Romney, do Conselho dos Doze.

Missão Dividida

Além da criação da nova estaca na Grã Bretanha, Elder Lee oficiará na divisão da Missão Britânica, anunciada pela Primeira Presidência.

Os nomes das estacas na Inglaterra e na Austrália, e as áreas exatas e o número de membros de cada uma, serão determinados pelas Autoridades Gerais em presidência, após consultas com os líderes das missões e oficiais dos distritos e ramos.

Elder Lee chegou a Inglaterra, sexta-feira, dia 12 de março, com a Sra. Lee e com o Presidente Bernard P. Brockbank, recentemente indicado para presidir a nova Missão Britânica do Norte.

(continua na página, 125)



MOCIDADE: PENSE, E DEPOIS AJA COM SEGURANÇA

Extrato de um discurso de Elder Mark E. Peterson, do Conselho dos Doze, na Conferência Geral Semi-anual de outubro de 1956.

Um dos grandes temores que eu tenho com respeito aos jovens que vão para os grandes centros é que muitos deles querem realmente fugir de seus lares, cortar toda e qualquer ligação com eles, para ser claro.

Eles se julgam auto-suficientes; todos eles sabem isso; o pai e a mãe são antiquados. Este é um mundo moderno; eles querem viver de uma maneira moderna.

Eu pergunto à mocidade da Igreja, vocês realmente querem isso? Vocês realmente querem apartar-se da proteção de seus lares. Pensem em tudo o que o lar significa. Pense bem no que a palavra mãe significa. Pense na forte proteção dos pais. Pense em tudo o que o lar representa.

Ó mocidade da Igreja, “Pense, e depois aja com segurança”.

Uma das grandes dificuldades consen- tantes aos jovens que vivem por si sós, que cortaram os laços maternos, é que eles vivem tão soltos e se sentem tão livres e numa vida tão diferente, que desejam também cortar os laços com a Igreja. Eles não mais vão às reuniões. Vão a outros lugares e reúnem-se a outras pessoas: e em vez dos amigos da Igreja, limpos e finos Santos dos Últimos Dias, eles escolhem amigos do outro lado, do mais baixo elemento.

Com que espécie de pessoas você anda? Com que espécie de pessoa você se casará? Você se casará com alguém do meio onde você vive; e, se você escolher as pessoas não frequentadoras da Igreja, lembra-se que isso é o que obterá, e tudo isso está incluído. Pense e considere isso cuidadosamente, e então aja com segurança.



PAGAMENTO DO DÍZIMO — UM SACRIFÍCIO E UMA RECOMPENSA.

Durante muitos anos o mês de maio foi conhecido na Igreja como um mês para que os membros se lembrassem dos dízimos. Esta prática, contudo, decaiu de certo modo porque os membros estão dando seus dízimos todos os meses do ano com especial interesse na verificação do pagamento certo no fim do ano. Não obstante, maio é uma boa época para se lembrar do princípio do dízimo e do poder e bênção que êle da ao Santo dos Últimos Dias fiel. Para a maioria dos membros da Igreja, o dízimo é considerado como um sacrifício que fazem voluntariamente em virtude de sua fé e das bênçãos prometidas do evangelho. Para aquêles que não têm fé no dar do dízimo, é um sacrifício considerado somente por aquêles que têm meios. Aos que têm liderança na Igreja, os membros freqüentemente explicam que não podem pagar seus dízimos porque são impossibilitados de assim procederem. Ao analisarmos sua pobreza, sentimos também o desejo de isentá-los desse princípio, mas Deus não nos deu tanta autoridade, porisso saímos sob Sua inspiração para ensinarmos o princípio e o privilégio do pagamento do dízimo.

O dar do dízimo não é um princípio de finanças, pois muitas pessoas que têm riqueza são incapazes de partir com o dízimo, enquanto outras que vivem em extrema pobreza dão fielmente o dízimo. A diferença não está no dinheiro. Alguns dizem que quando somam suas despesas, o custo da vida ultrapassa o valor que recebem, portanto é impossível dar o dízimo. Não discutimos os números em seus problemas, mas diremos: "Onde está a sua fé? Por que as pessoas que não têm dinheiro dão seus dízimos e as pessoas ricas e sem fé não??

EDITORIAL

Pelo Presidente *Wm. Grant Bangarter*

A diferença não está nos números nem na riqueza. Está na fé. Tenho freqüentemente vontade de dizer às pessoas que explicam sua pobreza e impossibilidade de dar o dízimo: "Gostaria você de saber o meio de deixar de ser tão pobre? Você está satisfeito em ser pobre demais para não dar dízimo? Então, porque não confiar no Senhor e procurar seguir sua palavra? Se você é tão pobre como diz, não prejudicará o Senhor a dar seu dízimo e ser um pouco mais pobre alguns dias e verifique se o Senhor cumpre suas promessas. Sei que você não tem recursos para dar o dízimo, mas eu não quero mais vê-lo tão pobre assim. Digo-lhe com todo meu testemunho que se você dar seu dízimo você não ficará tão pobre como é agora. Lembre-se que o Senhor não recompense seu povo senão depois de experimentar a sua fé".

Leia o terceiro capítulo de Malaquias. Não pare no versículo 10, leia todo o resto do capítulo. No versículo 11 e o Senhor diz: "E por causa de vós reprenderei o devorador". Ora, quem é êste devorador? Talvez seja doença entre as crianças com despesa médica; pode ser acidentes nas ruas; pode ser a perda de dinheiro; talvez o fracasso de aumentos no salário. As más circunstâncias podem desperdiçar mais num dia do que você pode ganhar em semanas. Você não gostaria de ser protegido contra êsses males? Então leia o resto do capítulo e permita que seu nome seja escrito no Livro de lembrança, pois a promessa que lhe é dada é que sua condição melhorará.

Finalmente, no versículo 17 lemos: "E êles serão meus, diz o Senhor dos exércitos, naquele dia que farei serão para mim particular tesouro; poupa-os-ei, com um homem poupa a seu filho, que o serve". No versículo 18 vemos: "Então vereis outra vez a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus, e o que não serve".

Que o sacrifício traga as bênçãos que possamos desfrutar como povo do Senhor.

À MINHA MÃE

Minha Mãe!

Que os céus abram suas comportas
e lancem suas bênçãos sobre ti.
Sobre tua fronte que encanece.
Em tua face mui amada
em teus olhos pousados mansamente
nos entes aos quais deste vida
Em teus ouvidos sutís sempre atentos,
quando amargurados estamos.
Em tua palavra que inspira,
Em teu beijo acariciante.
Em teu seio onde nos aninhamos
nos momentos de vacilações
para a reabsorção de ânimo
Em teus braços lassos
de carregar o cajado da vida.
Em tuas mãos que se tornaram calosas
ao buscar e preparar o pão de cada dia.
Em teus pés, oh Mãe,
quase gastos de tanto conduzir teus filhos
pelo caminho do bem, e,
encaminhá-los na verêda do Senhor.

Minha Mãe!

tua fronte jamais se curve,
ante uma tristeza
causada por teus filhos.
Que sempre paire em tua face
um doce sorriso aprovador
pelo que fizemos.
Que teus olhos continuem a iluminar-se
e vejam sômente o que é belo.
como a harmonia das cores da natureza.
Que teu olfato aspire
a fragância que vem de teus filhos.
Que teu ouvido captar saiba
a melodia de nossas vozes
e que sons dissonantes,

provindos das vicissitudes da vida
não te perturbem.

Que continuemos ter o teu seio
para o aconchêgo fascinador
em nossos momentos de lágrimas
Que teus fatigados braços
saibam erguer-se
para colher as flores
que faremos vicejar
em teu caminho de inverno.
E, que depois de recostarte,
tuas mãos repousem em coxins de veludo
e não mais busquem,
nem preparem
o pão de cada dia,
que a nós compete continuar a busca.
E, em salvas transbordantes,
frutos de ouro deveremos oferecer.
E água cristalina
para saciar a sêde de amor por nós.

Minha Mãe,

jamais permitiremos
a angústia desta sêde.
Que teus pés encontrem repouso,
depois de tanto andar e conduzir.
Que tua mente descanse
e quede ao ambrigo da paz e gratidão
que aos nossos olhos
jamais seja negada
a visão de tua presença consoladora.
Que ao nosso ouvido jamais seja negada
a inaudita felicidade
de ouvir o doce som de tua vóz,
Minha querida Mãe!

Rosita Guelfi Moeller
Ramo de Pôrto Alegre
Rio Grande do Sul

IGREJA NO MUNDO

(continuação da página 123)

Logo após sua chegada a Londres, êles encontraram-se com Elder Dyer e o Presidente T. Bowring Woodbury, da Missão Britânica. Neste fim de semana e na semana seguinte viajaram pela área da nova estaca entrevistando os líderes. Reuniões especiais, para a organização da estaca, teve lugar no sábado e domingo, 26 e 27 de março. Os membros considerados para a nova estaca estão incluídos nos distritos de Manchester e Liverpool, da Missão Britânica.

Presente à Reunião do Hawái

Elder Stapley deixou Salt Lake City no fim de fevereiro com o destino a Austrália. Assitiu a conferência das Estacas de Honolulu, em 27 e 28 de fevereiro, e a conferência de Oahu no fim da semana seguinte, 6 e 7 de março. Nesse ínterim êle e o Presidente Harry V. Brooks excursionaram pela Missão do Hawaii.

Depois da conferência da Estaca de Oahu, Elder Stapley passou o domingo, 8 de março, na Universidade da Igreja no Hawaii. Dalí voou para Sydney, na Austrália, para consultas pre-

liminares com o Presidente Weldon V. Moore da Missão Australiana, em cuja missão a nova estaca será localizada. Depois Elder Stapley foi para Melbourne, a fim de iniciar uma excursão com o Presidente John O. Simmons, pelo sul da Missão Australiana.

Em 21 de março, os Élderes Stapley e Romney, encontraram-se em Sydney para iniciar entrevistas e reuniões com relação à organização da nova estaca. Seis ramos da Igreja serão incluídos na estaca a ser formada na Austrália, na área maior de Sydney, a saber: Ramos de Sydney, Bankstown, Blacktown, Sotherland, Parramatta e Hurtsville, e provavelmente o Ramo de New Castle ao norte de Sydney e o de Wollongdon a 90 quilômetros ao sul.

De Volta Para a Conferência

Espera-se que Elder Lee da Inglaterra, e Élderes Stapley e Momney na Austrália, regressem a Salt Lake City lá pelo dia 31 de março, quarta-feira, a tempo para tomarem parte da Centésima Trigésima Conferência Geral Anual que terá início com a Reunião Geral do Sacerdócio no Sábado, 2 de abril, e que continuará no Domingo, Segunda e Quarta-feira, dias 3, 4 e 6 de abril.

Os primeiros missionários para a Europa desceram em Liverpool, Inglaterra, em 20 de julho de 1837, justamente sete anos depois da organização da Igreja. Estes sete missionários estiveram sob a direção de Elder Heber C. Kimball, membro do Conselho dos Doze Apóstolos. Os outros foram os elderez Orson Hyde, Willard Richards, Joseph Fielding, John Goodson, Isaac Russell e John Snyder. Os últimos três eram do Canadá onde a obra missionária já havia assegurado um bom início.

A primeira pregação do Evangelho Restaurado na Europa teve lugar em Vauxhall Chapel, Preston, Lancashire, em 23 de julho, três dias após a chegada dos missionários. Os primeiros nove membros convertidos foram batizados em 30 de julho de 1837, no Rio Ribble.

Primeira Conferência

A primeira conferência da Igreja na Inglaterra, teve lugar no dia de Natal de 1837, também em Preston. Naquela ocasião já haviam sido organizados ramos em Preston, Walkerford, Alston, Bedford, Eccleston, Wrightingyon, Hexton Bath, Daubers Lane, Chorley, Whittle, Leyland Moss, Ribchester, Thornley, Clithero, Waddington, Downham, Barshe Lees, Askin, Hunter's Hill, Stoney Gate Lane, Chatburn, Penwortham e outras vilas e cidades.



Em julho de 1838, o Profeta Joseph Smith ordenou que todos os membros do Conselho dos Doze fôssem à Inglaterra. Os Apóstolos Wilford Woodruff e John Taylor chegaram a Liverpool em 1840, e foram seguidos três meses mais tarde pelos Apóstolos Brigham Young, Herber C. Kimball, em sua segunda missão; Parley P. Pratt e George A. Smith. Nesse meio tempo Willard Richards havia sido nomeado para o Conselho dos Doze. Assim, naquela ocasião estavam na Inglaterra oito dos Doze Apóstolos.

A colheita de convertidos foi grande naqueles primeiros anos de 1837 a 1850 inclusive. O número total de convertidos feitos pelos 94 missionários eleva-se acima de 43.000. Dêste número diz-se que 6.832 emigraram para Utah.



A Missão Suíça - Austríaca

Preston R. Nibley

Historiador assistente da Igreja.

Numa reunião levada a efeito em Frankfurt, na Alemanha, em 6 de outubro de 1937, assistida pelos Élderes Thomas E. McKay, Alfred C. Rels e Philemon C. Kelly, a Missão Suíça-Austríaca foi dividida em três missões a da Alemanha oriental, a da Alemanha ocidental e a da Suíça Austríaca, com sede em Basil, Suíça.

Na ocasião de sua organização, a Missão Suíça-Austríaca, compreendia a parte da Suíça de língua Alemã, a Província de Alsacia Lorena, e a Áustria. Os membros da Igreja dentro da missão totalizavam 1881.

A Segunda Guerra Mundial estourou em setembro de 1939 e logo se espalhava com grande fúria. O trabalho missionário ficou completamente desmantelado na Áustria e na Alsacia Lorena. Felizmente, a pequena Suíça permaneceu neutra e o trabalho missionário continuou ali embora muito restringido.

O Presidente Thomas E. McKay da Missão Suíça-Austríaca foi desobrigado tendo regressado ao lar em fevereiro de 1940, e o Elder Max Zimmer serviu até maio de 1946, quando foi

substituído pelo Elder Scott Taggart de Salt Lake City. O Presidente Taggart serviu até janeiro de 1949, quando foi substituído pelo Elder Sammuell Bringham. Este presidente presidiu até dezembro de 1952, ocasião em que foi substituído por Jesse R. Curtis, que saiu da missão em 1959 quando substituído por William S. Erekson, o Presidente atual.

Em 5 de agosto de 1953, o Presidente David O. McKay dedicou, em Berne, Suíça, o local para o primeiro templo a ser construído pela Igreja na Europa. O trabalho de construção prosseguiu rapidamente e em 11 de setembro de 1955, na presença de um grande número de Santos dos Últimos Dias, e, em meio a solenes cerimônias, o templo foi dedicado pelo Presidente McKay.

No fim de outubro de 1959, havia 3.867 membros da Igreja na Missão Suíça-Austríaca espalhados através de vinte ramos. Em dezembro de 1956 foram organizadas trinta e três Sociedades de Socorro com 528 membros.

IGREJA NO MUNDO

(continuação da página, 126)

Desde o começo até o fim de 1959, foram chamados 7.374 missionários para a Inglaterra. O esforço missionário resultou no batismo de . . . 136.000 membros, dos quais 56.000 emigraram.

Talvez que o maior número de batismos num só ano, desde a primeira década de atividade missionária na Inglaterra, deu-se em 1959, quando foram registrados 1.404 batismos.

Os membros ingleses da Igreja serviram nos conselhos presidentes da Igreja. Também, muitos dos líderes principais da Igreja serviram como presidentes das Missões Européias e Britânica com Sede primeiramente em Liverpool, depois em Londres. Entre estes figuram seis dos nove presidentes da Igreja, a saber: Brigham Young, Wilford Woodruff, Joseph F. Smith, Heber J. Grant, George Albert Smith e o atual líder da Igreja, Presidente David. O. McKay.

Milhares de Santos Britânicos, incluindo aqueles que descendem dos milhares de emigrantes, e os muitos missionários e suas famílias, terão bastante interesse na escolha da Grã Bre-

tanha para a localização da primeira Estaca Européia da Igreja.

Foi para eles um grande acontecimento, igual em importância e significância, ao da ereção do Templo na Inglaterra, o qual foi dedicado em 1955. Ambas as estacas e o templo são símbolos da estabilização e crescimento da Igreja na Inglaterra.

Haverá também muitos interessados na estaca da Austrália. O trabalho missionário naquele continente principiou no começo de 1840 embora a missão não fôsse aberta oficialmente senão até 1851.

A história registra que em 1840, William Barrett, jovem converso da Igreja na Inglaterra, estando prestes a fazer uma viagem a Austrália, foi ordenado Elder pelo Apóstolo George A. Smith, e indicado para trabalhar como missionário naquele país. Ele enviou sua mensagem mas não se sabe se havia conseguido algum converso. Dois anos mais tarde, Andrew Anderson, um dos primeiros conversos batizado pelo Apóstolo Parley P. Pratt na Inglaterra foi para a Nova Gales do Sul com sua família. Em 1845 êle relatou que havia organizado um ramo lá de 11 membros.

Por JOSEPH FIELDING SMITH Jr.

Presidente do Conselho dos Doze

Respondeu à sua pergunta

Tirado do Improvement Era

EU GOSTARIA DE SABER

Os animais têm espíritos? Eles obterão a ressurreição? Para onde irão? o Presidente Smith discute de uma maneira simples e breve a imortalidade do mundo animal.

Pergunta: Os animais têm espíritos? Se eles têm, obterão ressurreição? E se fôr assim, para onde irão?

Resposta: A resposta simples, é que os animais de fato têm espíritos e que através da redenção feita pelo nosso Salvador, eles se levantarão na ressurreição para gozarem as bênçãos da vida imortal. A Bíblia que chegou a nós através de inúmeras cópias e traduções não contém a informação a respeito da imortalidade do mundo animal com a clareza que sem dúvida estava revestida com a pura inspiração das revelações do Senhor. Porém ainda existem passagens que dão testemunho da natureza eterna do mundo dos animais. Entre elas as seguintes:

“Assim os céus e a terra e todo o seu exército foram acabados... estas são as origens dos céus e da terra, quando foram criados: no dia em que o Senhor Deus fez a terra e os céus. E tôda a planta do campo que ainda não estava na terra, e tôda a herva do campo que ainda não brotava; porque ainda o Senhor Deus não tinha feito chover sôbre a terra, e não havia homem para lavrar a terra”. (Gênesis 2:1.4-5).

2 — Então antes da morte vir sôbre o mundo o Senhor plantou um jardim para Adão e Eva, e colocou tôda espécie de gado e animais vivos na terra assim como vegetação. Quando Adão transgrediu o mandamento não sômente Adão e Eva como também tôdas as coisas sôbre a terra fiaram sujeitas à morte.

A própria terra compartilhou na queda. Na restauração por Joseph Smith das escrituras originais, nos dá um entendimento mais claro de condições tanto antes como depois da queda. Esta é a narração como foi escrita por Moisés:

“E agora, eis que te digo, que estas são as gerações do céu e da terra quando eles foram criados no dia em que Eu, o Senhor Deus, fiz o céu e a terra. E tôda a planta do campo antes de estar na terra, e tôda herva do campo antes

do seu crescimento, porque Eu o Senhor Deus, criei espiritualmente as coisas, de que falei, antes que elas fossem naturais sôbre a face da terra...

E Eu, o Senhor Deus, havia criado todos os filhos dos homens: e não havia homem para lavrar a terra porque os havia criado no céu, e ainda não havia carne sôbre a terra, nem na água, nem no ar.

Mas Eu, o Senhor Deus, falei e levantou-se um vapôr da terra, e regou tôda a superfície do chão.

Então para deixar o assunto bem claro, o Senhor adicionou isto: "E da terra Eu, o Senhor Deus fiz crescer naturalmente tôdas as árvores que são agradáveis à vista do homem; e o homem pode vê-las. E tornaram-se almas viventes, porque eram espirituais no dia em que Eu criei, pois permanecem na esfera em que Eu, Deus, as amei assim, e ainda mais tôdas as coisas que preparei para o uso do homem; êle viu que eram boas para alimentar..." (Moisés 3:4-6,9).

Quando o Senhor revelou ao profeta Joseph Smith muitas coisas concernentes ao milênio e os acontecimentos que devem proceder e seguir, Êle deu o seguinte: "E outra vêz em verdade, em verdade vos digo que quando terminarem os mil anos e os homens novamente começarem a negar o seu Deus, então pouparei a terra mas só por pouco tempo. E virá o fim, e serão consumidos e passarão os céus e a terra, e haverá um novo céu e uma nova terra. Pois tôdas as coisas velhas passarão e tôdas se tornarão novas, e o próprio céu e a terra e a sua plenitude, tanto homem como feras, as aves do céu e os peixes do mar e nem um fio de cabelo, nem um argueiro se perderá, pois são a obra de Minhas mãos. (D&C. 29:22-25).

Qual é o significado dos quatro animais?

Enquanto o profeta Joseph Smith se reunia com um grupo de membros da Igreja em março de 1832, se lhe pôs esta pergunta: "O que significa os quatro animais, de que fala o mesmo versículo" (i.e. Apocalipse 4.6).

Resposta São expressões figurativas, empregadas por João o revelador para descrever o céu, o paraíso de Deus a alegria do homem e dos animais e das coisas que se arrastam e das aves do ar, o que é espiritual sendo a semelhança do que é temporal: e aquilo que é temporal à semelhança do que é espiritual: o espírito do

homem à semelhança de uma pessoa como o espírito dos animais e tôda outra criatura criada por Deus" (D&C 77:2).

Outra vêz comentando em Apocalipse, o profeta disse:

"João viu animais de aspecto estranho no céu, êle viu as criaturas que estavam no céu e estavam realmente lá, dando Glória a Deus. Como é que sabemos isso? (Veja Apoc. 5-13).

"E ouvi a tôda a criatura que está no céu e na terra, e debaixo da terra e que está no mar, e a tôdas as coisas que nêles há, dizer: ao que está sentado sôbre o trono e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra e glória e poder para todo o sempre".

"Sêres de mil formas"

"Suponho que João via lá sêres de mil formas, que tenham sido salvos de dez mil temas como esta — animais estranhos, dos quais não temos noção: Todos seriam vistos no céu. O grande segredo foi mostrar a João o que há no céu. João aprendeu que Deus se glorifica por salvar a tudo o que por Suas mãos se fizer, quer animais, quer aves, peixes ou homem; e êle se glorificará com êles.

Um dirá: Não posso acreditar na salvação de animais.

Qualquer que vos contar isto, dirá que as revelações não são verdadeiras. João ouviu as palavras dos animais dando glória a Deus e as compreendeu.

Deus que fez os animais pode entender tôda língua por êles falada. Os quatro animais foram quatro dos mais nobres sêres que haviam completado o propósito de sua criação; haviam sido salvos de outros mundos, porque foram perfeitos: foram como anjos em sua própria esfera.

Não nos foi dito de onde vieram e eu não sei, mas êles foram vistos e ouvidos por João Louvando e glorificando a Deus. (ensinamentos do profeta Joseph Smith página 291 e 292).

Quanto ao destino dos animais, aves e peixes tôdas as outras criaturas depois da ressurreição, só podemos expressar uma opinião. João viu muitos dêles no céu e na presença de Deus. É bem possível que êles assim como a humanidade, sejam distribuídos entre os vários reinos, celeste, terrestre, e teleste.

Seria razoável acreditar que tais criaturas se encontrem em cada um dêstes reinos.

Meus Irmãos: Com profunda humildade e, acredito, um sentimento de noção, até certo ponto, de minha própria responsabilidade, ocupando posição de vossa escolha, ergo-me diante de vós pedindo interesse nas vossas preces e fé, e que as notações que eu possa fazer sejam dirigidas pelo Espírito do Senhor.

Como vós, eu acredito na oração. A oração é a estrada real entre cada um de nós e nosso Pai Celestial. Se ela permanece aberta ou fechada é por nossa própria determinação. Nós somos uma Igreja, com tudo que recebemos nessa capacidade, e tudo que, individualmente,

OREMOS SEMPRE

Pelo **Presidente J. Reuben Clark, Jr.**

recebemos como resultado da oração. Um rapaz, perturbado, incerto, fervoroso, e desejando saber a vontade do Senhor, tinha na memória aquêles grandes versos de Tiago:

“E, se algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não lança em rosto; e ser-lhe-á dada. Mas peça-a com fé, sem nada hesitar, porque aquê-le que hesita é semelhante à onda do mar, que é agitada e levada duma parte para a outra pelo vento. Não pense, pois, tal homem que receberá do Senhor coisa alguma.”

(Tiago, 1:5-7)

O Profeta Joseph foi para a floresta, e na sua fé inocente e com confiança, orou por esclarecimento, e recebeu a maior revelação de que temos notícia, pois o Pai e o Filho chegaram a êle em pessoa, e lhe disseram do trabalho que lhe cabia fazer. Daí então, a linha de comunicação, a estrada real entre êle e nosso Pai Celestial nunca foi interrompida.

Acreditamos na doutrina da revelação contínua. Nós a advogamos corajosamente, e

com justo orgulho. Ela é sèriamente desafiada por muitas e muitas organizações cristãs. Mas eu gostaria de desafiar tais organizações nêsse ponto. Se, como elas afirmam, Deus não mais informa, aconselha e dirige seus filhos, então eu pergunto para que elas oram. O fato de admitirem a oração, parece-me indicar a falsidade de tal posição.

Gostaria de dizer apenas uma palavra sôbre a oração. Suponho que todos rezamos porque queremos aquilo que é motivo da oração. Não acredito que haja um denominador comum para todos os povos do mundo que possa igualar a vontade de rezar e a oração resultante. Nem todos nós compreendemos a quem dirigimos nossas orações, de modo idêntico. Mas o instinto mais comum de tôda a humanidade é o de rezar a um Sêr Superior, que está em algum lugar, de alguma espécie, um Sêr que sabe muito mais que nós, e que tem o poder de modificar fatos para adaptar às nossas orações, se assim Êle o desejar.

Eu entendo que nenhum de nós, nestas circunstâncias, oraria a alguma coisa que fôsse nociva ou a algo que o Senhor não aprovasse. Não oramos e nem oraríamos à coisas más, às coisas impuras.

Lembro-me que quando o Salvador começou a sua missão, êle limpou o templo. Do mesmo modo, êle o limpou ao fim de sua missão, expulsando os cambistas e os que compravam ou vendiam animais para sacrifício. Êle declarou: “...vós fizestes dela um covil de ladrões.” (Lucas, 19:46).

Acredito que nenhum de nos desejaríamos orar por algo que nos pezesse nessa classificação. Normalmente, pensamos em tais incidentes como sendo indícios da violação da santidade do templo. Mas eu acredito que a reprimenda encerra algo mais profundo.

Onde deveríamos orar? Amulek é citado em Alma, que nos diz algo sôbre isso. Eu sinto que nunca deveríamos ir a lugares onde não podemos pedir a nosso Pai Celestial proteção e aprovação. É triste imaginar que alguma vez podemos estar num lugar onde não podemos pedir ao Senhor a Sua ajuda.

Podemos rezar, penso, com a advertência dada pelo Senhor, quando Êle ensinava a multidão a orar, de que o Senhor sabe muito mais das suas necessidades do que vós mesmos. Ensinou êle, então, uma oração bem curta, completa, e como eu dela me recordo, Êle nos advertiu para não empregar muitas palavras e rezar como os pagãos.

Outra coisa — O Senhor sabe das nossas necessidades, como já mencionei. Sou de opinião que deveríamos fazer da oração, um hábito. Não falo somente das orações matutinas e vespertinas. Acho que devemos rezar sempre que precisarmos da ajuda do nosso Pai Celestial: e isso quer dizer a maior parte das nossas vidas. E estando nessa posição, devemos viver nossas vidas de acôrdo com os ensinamentos de Deus.

A história de Elias dos profetas de Baal sempre me impressionaram. Eles construíram seus altares, imploraram a Baal. Enquanto o dia passava, Elias exclamava: “Gritai mais alto, porque êle é um deus, e talvez esteja falando, ou em alguma estalagem ou em viagem, ou dorme, e necessita que o acordem.” (III Reis, 18:27) Eu creio que não devemos, em nenhuma ocasião, dar a entender ao Senhor que dêle nos tenhamos esquecido, ou que êle esteja dormindo. Rezemos sempre, não apenas nas emergências.

Mais uma coisa — não tentemos ensinar o Senhor o que fazer. Não me ocuparei de narrar a bela história de Naama, o general sírio que veio a ser curado de lepra por Eliseo, e que se sentiu insultado porque Eliseo o mandara banhar-se sete vêzes no rio Jordão. E Naama declarou que os rios da Síria eram tão bons quanto os rios de Eliseo. Êle pensara que Eliseo tomaria uma atitude e colocando sua mão sôbre as partes doentes pediria ao seu Deus para curá-lo. Vós vos lembrareis de que quando êle hesitou e se sentiu insultado, seus servos vieram e disseram que se Eliseo houvesse lhe dito para fazer algo importante, êle o teria feito, não exatamente com estas palavras, mas sim “porquê não experimentais?”. Êle assim fêz, e foi curado.

Há na vida do Salvador, um ou dois incidentes aos quais eu gostaria de me referir. Refiro-me as suas últimas horas de liberdade, um ou dois dias antes da Páscoa. Êle havia estado no templo rezando ao Senhor, dizendo, ou indicando que Êle desejava que a hora que se aproximava fôsse poupada a Êle, contudo disse: “...mas é para isto que eu cheguei a esta hora.” (João 12:27).

Então Êle foi para Getsemani. Não tomarei tempo relatando os detalhes dessa grande ocasião. Mas eu vos incito a ler e meditar sôbre êles. Três vêzes Êle deixou Pedro, Tiago e João e caminhou um pouco além e orou. Na primeira vez, voltou e encontrou-os dormindo: “Visto isto não pudestes vigiar uma hora comigo?” (Mateus 26:40). Mas chamo a vossa

atenção para cada oração: “Meu Pai, se é possível passe de mim êste cálice; todavia não se faça como eu quero, mas sim como tu queres.” (Mateus 26:39).

Três vêzes dirigiu-se Êle ao Pai, tendo anteriormente indicado que Êle sabia que sua hora havia chegado. Eu nunca pude compreender isso. Contudo, posso compreender o pensamento central da oração: “...todavia não se faça como eu quero, mas sim como tu queres.”

E eu vos incito, meus Irmãos, a que quando rezais, façais com que êsse pensamento esteja sempre convoseo, e não espereis que a resposta às vossas orações venha do modo que desejais.

Penso sôbre essa conexão, embora não estritamente sôbre o ponto, da ocasião em que Elias fugiu da ira de Jezebel. Êle foi para uma caverna, completamente só. Êle fugia para preservar a própria vida, em obediência às ordens do Senhor. Lamentou muito sua situação ao Senhor, mas permaneceu no monte, esperando por Êle. Então veio um vento que rompeu as rochas; mas o Senhor não estava nos ventos. Depois do vento, um terremoto, mas o Senhor não estava no terremoto. Após o terremoto, fogo, mas o Senhor não veio no fogo. Então, o Senhor veio numa voz calma, e Elias, escondendo sua face no manto, saiu para a entrada da caverna e recebeu as palavras do Senhor.

O Senhor fala, tanto em termos gentis como por meio de catástrofes e dor.

Irmãos e Irmãs, continuemos a ser um povo que ora. Oremos, mas trazendo em mente alguns dos grandes princípios envolvidos nisso. Caminhemos em direção ao Pai Celestial para receber seu conselho, sua ajuda. Êle nunca deixará de nos responder, se formos honestos nos nossos pedidos, e se pedirmos por coisas sãs, para bem e benefício.

De um modo, a grande base desta Igreja é a doutrina da revelação contínua, para o indivíduo, para os líderes da Igreja, para nosso proveito e benefício, para o progresso de nosso trabalho.

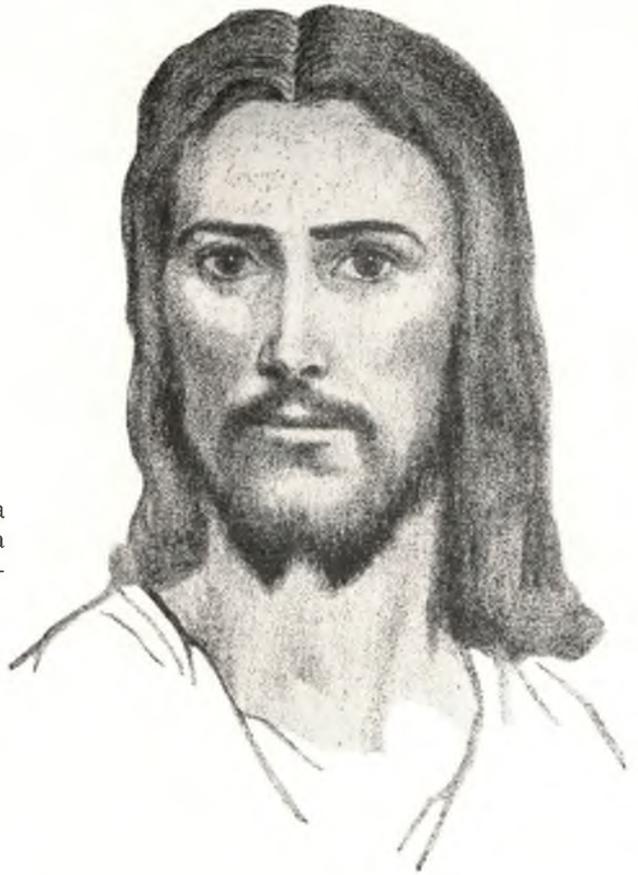
Que Deus nos dê o espírito da oração, que Êle nos conceda fôrça para orar, e possamos orar sempre com êste pensamento vital, “...todavia não se faça como eu quero, mas sim como tu queres”. Peça isto em nome de Jesus Cristo. Amém.

Tradutor: Kunio Matsumoto

UM COMPROMISSO PESSOAL

Elder Reed H. Bradford.

Seu compromisso para com Jesus, para com Seus princípios e para com Sua Igreja lhe trará uma paz que “Ultrapassa a tóda compreensão”.



Teve você alguma experiência de tal significado que alterasse todo o curso de sua vida? Eu já tive e a lembrança é tão clara agora como o foi há 25 anos atrás quando ela aconteceu.

Eu caminhava ao longo das ruas de uma linda cidade na Alemanha. Estávamos na primavera e a fragância dos lilazes se fazia sentir em tóda parte. Parecia tão bom viver!

Oh, admito que certas coisas me preocupavam. Tomar parte naquela primeira reunião no escritório do presidente da missão e na qual êle perguntava a todos nós porque tínhamos vindo em missão. Alguém disse que era porque seus pais sempre desejaram que êle viesse. Outro respondeu que êle sempre admirou o povo germânico e queria aprender sua língua e absorver algumas de suas culturas. Um humilde rapaz fazendeiro era de opinião que seu dever era vir já que seu bispo e Presidente Herber J. Grant o chamara pessoalmente.

A coisa que me preocupava era a expressão na face do presidente depois que cada um acabava de falar. Alguma coisa parecia me dizer que êle estava desapontado e mesmo um pouco ofendido. Mas eu não sabia porque.

Depois havia o problema da visitação de

casa em casa. Meu companheiro, como parte de minha orientação mostrara-me as estatísticas da missão. “Temos, que, pelo menos, fazer três horas de visitação por dia, senão receberemos uma carta do escritório da missão” disse êle. Eu não desejava tal carta, mas não era fácil passar três horas daquele modo, recebendo muitas vêzes a porta na cara e não sabendo falar muito bem o alemão.

Mas nessa manhã tirei tais pensamentos de minha mente. Era primavera e me sentia bem.

De repente ouvi uma voz alta vindo de alguma parte nas proximidades. De momento eu não podia dizer de onde ela vinha, olhando mais atentamente, vi uma grande massa de pessoas em formação. Imaginei que estivessem ouvindo um discurso irradiado. Aproximando-me da multidão, perguntei a um homem o que era aquilo. “Não sabe disse êle”, que hoje é o Dia dos Trabalhadores e todo aquêle que trabalha se reúne para ouvir as instruções do Fuehrer?” Eu estava para dizer que nada sabia daquilo quando de repente a voz do alto-falante anunciou “Heil Hitler”, e todos dirigiram o olhar para uma esvoaçante swastika em um mastro e fiseram a saudação Nazi.

Imaginei por um momento que eu me encontrava numa situação embaraçosa. Saudar ou não saudar, era essa a questão. Tinha somente alguns segundos para tomar essa decisão mas por minhas próprias razões decidi contra a saudação.

Os acontecimentos dos poucos minutos seguintes foram rápidos e violentos. Para começar, dois homens perguntaram-me porque eu não levantara a mão. No meu melhor alemão expliquei que eu não era cidadão alemão e que representava uma organização cujos princípios e propósitos eram, de algum modo, bem diferentes daqueles defendidos por Adolfo Hitler. Estava para dizer mais algumas coisas quando só me lembro que eu tentava me levantar do chão. Alguém me batera. Quando olhei para cima vi as mais odiosas criaturas jamais vistas, olhando para mim. Estavam prestes a renovar o seu ataque quando alguém disse: "Ele não é alemão, é Americano".

Por alguma razão pararam de bater-me mas levaram-me para longe da multidão. Depois de descobrirem onde eu vivia, levaram-me para casa e foram-se todos exceto um homem bem vestido que mais tarde descobri ser líder da Gestapo do distrito ou polícia secreta. "você estúpido imbecil", gritou êle, como se atreve a insultar o maior homem vivo, o Fuehrer do povo Alemão, aquêle que um dia conquistará o mundo? Por que você veio aqui?

Disse-me ainda muitas outras coisas, mas sem importância. O que era importante era a pergunta troante: "Por que você veio aqui?" Era a mesma pergunta que o nosso presidente da missão fizera na primeira reunião. Minha alma estava em tumulto e nada poderia acalmá-la. Por que vim? Várias e várias vezes procurei a resposta e gradualmente, como a neblina que se levanta dos mangues, as coisas pareciam aclarar. Vi que aquelas razões que apresentamos ao presidente da missão não eram suficientemente boas. A grande razão, a única que deveria centralizar tudo o que fazíamos; era trazer almas a uma compreensão do Seu modo de vida. Mas como alguém iria se certificar de que Seu caminho era tão bom ou melhor que outros caminhos? Sempre asseguramos que Seu

caminho era o melhor, mas como alguém poderia saber-lo? De algum modo eu teria que descobrir isso.

Lembro-me de ter lido um versículo em S. João, no qual Êle diz: "Se alguém quizer fazer a vontade dêle, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo". (João 7:17).

Pareceu-me claro que se alguém quizesse fazer a Sua vontade, êle teria que descobrir qual era essa Sua vontade. Então comecei a ler as escrituras com o mesmo carinho e vontade que lia David Copperfield, quando criança. E quando comecei a compreendê-las, tentei fazer delas parte de minha vida. Não era a perfeição mas algo importante estava se passando comigo.

Por exemplo; Devo ter presenciado a oração do sacramento centenas de vezes; agora, porém, ela tinha um novo significado para mim. Certas partes dela confesso que me aboreciam porque sabia eu não era digno de tomar sobre mim o nome de Seu Filho. Mas pensava, de certo modo, que, uma vez que eu era membro de Sua Igreja, eu o representava e que devia representá-lo honestamente e bem.

De certo modo suponho que poderia dizer que nasci novamente. Muitas coisas estavam tomando um novo significado. Não mais fiz aquelas horas de visitas unicamente para ter meu nome elevado no escritório da missão. Encontrei uma melhor razão para aquelas visitas. Gerhardt, um jovem e maravilhoso amigo; que foi morto em um tanque na linha Maginot, e, cuja vida caracteriza os Seus princípios, disse que era o "Compromisso pessoal" para com Êle, Seus princípios, Sua Igreja, que trouxe essa nova compreensão e a paz que "ultrapassa a toda compreensão" Êle tinha razão. Descobri que Seu modo de vida não só trouxe satisfações temporárias como intensivas e permanentes como jamais havia conhecido.

Quando fui dizer "adeus" ao nosso presidente da missão antes de embarcar para a América, e quando lhe contei minha história, sua face se resplandeceu. "Sua missão está apenas começando", disse êle. Desta vez compreendi o que êle queria dizer.



FÊ ESSA CONQUISTADORA

Por JAMES A. LITTLE

Ao deixar Jacob Hamblin o mês passado, êle tinha passado uma época de doença séria. Depois a sua recuperação, voltou a Santa Clara para continuar suas atividades missionárias e cultivar a plantação.

No outono de 1855 voltei a Tooele Valley e mudei minha família para Santa Clara. Meu Irmão Oscar, e também Irmão Dudley Leavitt e suas famílias nos acompanharam.

No inverno de 1855/6, fomos instruídos a construir um forte para nossa proteção. Naquela época haviam dez missionários e dez pedreiros de Cedar City. Também gozamos da ajuda dos índios e tudo que fizemos prosperou. Assim em menos de dez dias construímos um forte de cem pés quadrados, feito de pedras de espécie muito dura, com paredes de dois

pés de largura e doze de altura. Como o Presidente Young disse mais tarde, era o melhor do território.

Convidamos os índios a construirem conosco uma repêsa alta e forte para tirar água de Santa Clara a fim de irrigir uma pequena terra escolhida. Para êste propósito êles fizeram um ajuntamento de umas trinta cabanas, mas um pouco relutantes pois disseram que o "Tonoquint" seu nome para o Rio Santa Clara, iria secar na próxima estação porque havia pouca neve nas montanhas. Com muito trabalho completamos a repêsa e irrigamos nossas plantações mais uma vez na primavera de 1856. Então as águas fracassaram e as plantas começaram a sêcar.

Os índios vieram a mim e disseram: "Você prometeu-nos água se ajudássemos com a construção da repêsa e a plantação do milho.

Agora não tem água, que tal sua promessa? O que vamos comer neste inverno que vem?"

O chefe notou que eu estava perplexo sobre este problema e então falou: "Temos um encantador; eu o mandarei para a Grande montanha onde ele fará remédio para fazer chuva; e também você faça o seu melhor, e talvez a chuva virá; porém terá que ser remédio forte pois nunca vi chuva neste lugar. Segui a angra para cima umas doze milhas e ainda estava sêca.

No dia seguinte ao amanhecer vi a fumaça do encantador acender ao lado da Grande Montanha como os índios a chamam, mais conhecida como "Pine Valley" agora.

Saí do meio dos índios e orei ao Deus de Abraão para me perdoar se eu tivesse errado em prometer aos índios água para suas plantações; e que os céus poderiam chover para que nós não perdessemos a influência com os índios.

Era um dia muito claro e sem nuvens, porém, quando ainda orava, gotas d'água caíram em minhas costas por um período de uns três segundos. Sabia que fôra um sinal, e que minha oração havia sido respondida. Então disse aos índios que a chuva viria. Quando voltei ao povoado também disse aos irmãos que teríamos tôda a água que necessitassemos.

Na manhã seguinte, uma chuva sussurrante começou a cair. A água na angra subiu até o normal, e, o que era extraordinário foi o fato que ela era clara. Irrigamos as plantações como queríamos e os brancos e peles-vermelhas, ambos reconheceram a Providência Divina.

Penso que ganhamos mais milho e abóboras do que tenho visto antes ou depois na mesma porção de terra. Os índios colheram uma grande quantidade de milho, feijão e abóbora sêca.

Desde aquêle dia os índios começaram a olhar-nos como pessoas com grande influência com as nuvens. Também acreditavam que poderíamos causar doenças à vir a qualquer um se desejássemos.

Trabalhamos bastante até eles compreendem estas coisas na luz da verdade, mas era difícil devido suas ignorâncias e superstições.

Nesta época veio um índio de outro bando para o leste de Santa Clara. Os índios que moravam por perto disseram como as coisas tinham ocorrido com eles. O índio ridicularizou-os de ter fé em nós e os princípios que conservamos, dizendo que todos eram tôlos, vivendo sem carne quando havia tanto gado para roubar. Para demonstrar suas idéias fazendo um exemplo de confiança em sí, matou um de nossos bois. Quatro ou cinco dos

irmãos foram para êle armados. Sentí-me impressionado, que uma apostasia de paz seria melhor, e por êste motivo pedi aos irmãos que me deixassem atender ao problema. Fui a sua cabana e sentei-me perto dêle. Falei-lhe que o que havia feito era bem errado e que as coisas que tínhamos feito foi para seu próprio bem. Êle conversou muito imprudentemente, querendo saber se desejávamos ser mortos, ou se podíamos fazer um remédio mágico e forte para o matar. Falei que êle já tivera feito seu próprio remédio mágico, e que o mal aconteceria antes de alcançar sua casa.

Foi justamente nesta época, que o Presidente Young mandou uma carta requerendo-nos a dizer aos índios que se vissem, vidas limpas e observassem certas coisas pertencentes ao evangelho, êles aumentariam na terra. Também, que nós requeeressemos à lavar os doentes antes de serem abençoados.

Um índio queria que abençoássemos seu filho certo dia. Requeremos que lavasse o rapaz; êle recusou a assim fazer, e o rapaz morreu. Então o pai queimou sua cabana e foi para as montanhas e chamou outros para o seguirem. Alguns foram e antes de saírem queimaram um celeiro de madeira o qual estava cheio de comida. O nome do homem que se zangou era Ag-ara-poots. O chefe do bando veio a mim e disse: "Ag-ara-poots" não ficará satisfeito enquanto não matar você ou alguém do seu grupo. Você sabe que êle já matou dois Piutes desde que você chegou aqui. Todos os Piutes têm mêdo dêle. Eu vou-me embora." Perguntei-lhe se não queria me acompanhar e visitar Ag-ara-poots. Repliou que não, êle pensa que você deixou seu filho morrer, e não ficará contente até ver sangue. Têm muitas pessoas com êle. Você não deve ir lá.

Como eu queria vê-lo convidei todos os missionários para me acompanhar, mas êles recusaram menos o Irmão Thales Haskell. Um dos irmãos comentou que preferia entrar numa caverna de urso do que visitar Ag-ara-poots.

Quando fui a casa do Irmão Haskell e êle abriu-me a porta, disse: "Sei o que quer, se deseja levar-me, sou o homem que quer."

A diferença entre eu e meus irmãos nesta ocasião não era um caso de coragem superior de minha parte, mas como mencionei antes, recebi do Senhor uma afirmação que nunca cairia pelas mãos dos índios.

Esta afirmação está ainda comigo em todos os meus negócios com os índios. Irmão Haskell parecia ser inspirado nesta ocasião. Começamos pela manhã e seguimos a trilha de

Ag-ara-poots até a tarde, quando o encontramos juntamente com seu bando. Seu rôsto estava pintado de preto, e estava sentado de cabeça abaixada, aparentemente com rude disposição.

Falei-lhe que havia ouvido e que entendia que êle ia matar-me na primeira oportunidade. Disse-me êle: "Quem falou que eu queria matá-lo?". Repliquei: "Os Piutes disseram-me assim". Declarou que era mentira; mas que estivera bravo e ainda estava porque deixei seu filho morrer. Disse-lhe que foi êle mesmo que deixou seu filho morrer, pois não deu valôr para o lavar, assim deixando o Senhor o curar, e que agora estava bravo com a pessoa errada. Disse-lhe que estávamos com fome e que iríamos comer com um homem que não estava zangado, e que êle deveria ir conosco. Enquanto saíamos de sua tenda, êle levantou-se para nos acompanhar, mas tremeu, vacilou e tombou na areia.

Todos os índios menos Ag-ara-poots juntaram-se ao nosso redor. Falávamos que tinham sido muito imprudentes em queimar sua comida, indo as montanhas e deixando seus amigos, que as mulheres e crianças deveriam voltar ao povoado onde havia comida, e os homens que queriam caçar poderiam ficar. A maioria começou a ir para a colônia na mesma noite.

No dia seguinte, Titse-gavata, o chefe, veio para mim e disse: "O bando todo voltou a Santa Clara menos Ag-ara-poots, e êle também veio em visita ao povoado mas seu coração endureceu. Você não pode raciocinar com êle agora. Você deve orar para que êle morra e assim não terá derramamento de sangue. Não diga a êle o que falei."

Eu somente orei ao Senhor, que se fôsse para a glória de Seu Nome, que Ag-ara-poots não tivesse fôrça para derramar o sangue de qualquer um. Nos dias que se seguiram os Piutes disseram que Ag-ara-poots não foi capaz de andar ou beber água. Êle prolongou-se até a primavera e morreu.

CAPÍTULO VI

Um chefe de pequena importância, habitando a oeste do povoado de Santa Clara, no caminho para a Califórnia, dirigiu-se a mim dizendo que havia roubado de um "Mormon" que passava, e nenhum remédio poderia matá-lo, porque êle era duro de morrer e continuaria a roubar dos "Mormons" em tôdas as oportunidades.

Duas semanas após esta conversa os índios contaram-me que aquêle chefe estava

morto. De regresso a sua casa, vindo do povoado de Santa Clara, êle roubou um animal de um viajante mormon, escondendo-o até que o homem partisse; depois conduziu o animal a suas pastagens e, quando êste estava quase esfolado, o índio adoeceu, foi para sua cabana e morreu.

Outro índio nosso vizinho disse que matara um animal e que queria pagar por isto. Aceitei algum dinheiro para tranquilizá-lo, e disse-lhe que seguisse seu caminho para não mais roubar.

Êle foi mais tarde surpreendido pilhando uma vaca, após o que manobrei para encontrá-lo a sós. Êle perguntou que atitude eu tomaria, acêrca do ocorrido, recebendo como resposta, "nada".

Êle começou a falar excitadamente, afirmando em tom raivoso, "se você tem que fazer algo, faça-o agora, faça-o aqui". Expliquei a êle que quando o mal atinge uma pessoa, foi ela quem o atraiu a si por seus atos mesquinhos.

O índio falava e agia de forma tão brusca que eu me aborreci, afirmando ao índio que êle estava entregue ao Senhor; se êle o perdoasse, eu também o faria, mas eu não acreditava que isso se desse. O homem morreu alguns dias após êste diálogo.

A êsses índios o Senhor tinha enviado o evangelho de seus pais, e com êle o testemunho de muitas manifestações especiais, tão evidentes para êles, mesmo em sua ignorância, que não tinham como se desculpar.

Acrescentando-se à destruição dos perversos e maus remitentes, cumpriram-se ainda muitas promessas feitas a êles; seus doentes se curaram, etc.

Tais testemunhos serviram para cimentar ainda mais a influência dos Êlderes entre êsse povo, que buscava conselho de nós, ansiando por seguir-nos as instruções. Os homens cessaram de explorar suas famílias, e faziam o melhor possível, tendo-se em conta sua condição inferior.

Êles lavavam os doentes, e pediam aos Êlderes que os abençoassem, orando sôbre suas cabeças. O Senhor apreciava nossas administrações porque eu não me recorde de haver abençoado algum que não se recuperasse. Nós procurávamos a não dizer ou fazer algo errado, e eu percebi que um bom espírito nos governava em tôdas as incursões entre o povo.

Cêdo aprenderam a considerar nossas palavras como lei.

Por fim, os índios de Santa Clara e os de Muddy desentenderam-se principiando a matar-se sempre que encontravam ocasião. Nós

nos esforçamos para estabelecer a paz entre eles, mas como sangue tinha corrido nada além de sangue poderia satisfazê-los.

Certa manhã um índio de Muddy Creek matou outro de Santa Clara no bosque próximo ao forte. O bando de Santa Clara sabendo disso cercou o desfiladeiro, prendeu uma mulher Moapats e atando-o a um arbusto queimou-a.

Quando começaram a amarrá-la um índiozinho veio pressurosamente informar-me do que se passava. Corri para o local, mas antes que chegasse outro garoto deteve-me dizendo que não adiantava correr, porque era tarde para salvar a mulher. Achei que eles tinham-se apressado a consumir o feito terrível, antes que eu pudesse chegar.

Quando pude falar aos exaltados, eles protestaram gritando que não poderiam ter deixado de fazer aquilo. Isto é, estavam, de tal forma amarrados a suas tradições que o que fizeram parecia-lhes um dever necessário.

Eram tão infantis e pareciam tão ansiosos de convencer-me que agiram bem, que eu nada disse, mas senti que seria verdadeiramente grato se fôsse algum dia agraciado com uma chamada para pregar à uma classe mais adiantada de pessoas.

Isto ocorreu durante o verão e o outono de 1856. Logo após a queimada da mulher, o Irmão Ira Hatch e eu dirigimo-nos a Cedar City, pelo caminho de Mountain Meadows. Durante a noite, acampamos perto de outra trilha que cruzava com o nosso caminho.

Despertando-nos pela manhã eu disse a meu companheiro que os índios de Cedar haviam estado no Rio Muddy para atacar os índios de lá, levando a pior, e depois retornando haviam roubados os cavalos de Santa Clara.

Nós nunca havíamos seguido a trilha em que eles estavam, mas eu disse ao Irmão Hatch que se ele a tomasse poderia encontrá-los acampados numa certa nascente, e quando o vissem ficariam tão surpreendidos que deixa-lo-iam levar os cavalos sem maiores dificuldades.

Ao Irmão Hatch aconteceu como eu havia predito, e os índios devolveram-lhe os cavalos, parecendo ansiosos por verem-se livres deles.

Mais tarde soubemos que os índios de Cedar haviam estado no Muddy, roubando duas mulheres do bando que vivia perto daquele riacho. Os índios do Muddy haviam perseguido os ladrões, e vingaram-se matando um chefe de Cedar e ferindo também outros dois. Eles recobriram ainda as duas mulheres.

Foi pela inspiração do Senhor que eu enviei o Irmão Hatch para recuperar os cavalos. Era o mesmo espírito que me havia influen-

ciado a tirar minha espôsa e filho de Pine Canyon em uma noite antes da que eu pretendia, assim salvando suas vidas e a minha própria. Era também o mesmo espírito que me permitira escapar do "Old Big Foot" quando morava em Tooele Valley.



Por esta época, havíamos adotado como a melhor, forma de govêrno entre os índios de Santa Clara, que coadunava-se com as circunstâncias.

Eles trabalhavam para viver e prometiam ser honestos. Se algum roubava, devia pagar pelo que tirara, senão, era desnudado, atado a uma árvore e vergastado de acôrdo com o alcance da ofensa. Os próprios índios davam as chibatadas, enquanto eu apenas ditava o número e intensidade delas.

No inverno de 1856-7, após estarem os índios há já algum tempo tentando seguir nossos concelhos, disseram-me: "Nós não podemos ser bons; nós devemos ser Piutes. Nós queremos que você nos perdoe. Pode ser que alguns de nossos filhos venham a ser bons, mas nós desejamos seguir os velhos costumes".

Recomeçaram então a pintar-se, é a abusar de suas mulheres com faziam antes que influíssemos sobre eles.

Por essa época, o Elder R.C. Allen era presidente da Missão Indígena do Sul, e residia ordinariamente em Harmony. Ele me havia dado o encargo do povoado do córrego de Santa Clara.

A carta transcrita a seguir, mostra sua desobrigação e como fui indicado para substituí-lo. Expõe também a política aplicada aos indígenas pelo Presidente Brigham Young.

"Escritório do Presidente —

Cidade do Grande Lago Salgado

4 de agosto de 1857

"Elder Jacob Hamblin: — Pela presente o senhor está designado para suceder ao Elder R. C. Allen (a quem desobriguei) como presidente

(continua na página, 153)



O Presidente e a Sister Sorensen deram as boas vindas e saudações.

Conferência dos Jovens

Curitiba 1960

Esta conferência passada foi sem dúvida alguma, uma das mais inspiradoras que tivemos até agora. Reunimo-nos durante seis dias em um ambiente maravilhoso, onde reinou a amizade e o espírito do evangelho, sob o tema “QUÃO PERTO DOS ANJOS É A JUVENTUDE QUE É LIMPA”.

“Quem subirá ao monte do Senhor, ou quem estará no seu lugar santo? Aquê-
le que é limpo de mãos e puro de cora-
ção; que não entrega a sua alma à
 vaidade, nem jura enganosamente.
Este receberá a bênção do Senhor e a
justiça de Deus da sua salvação.”

(Salmos 24: 3-5)

“Que é o homem mortal para que te
lumbres dêle? e o filho do homem para
que o visites?

Contudo, pouco menor o fizeste do que
os anjos, e de glória o coroaste.”

(Salmos 8: 4-5)

Desde a alvorada da conferência tivemos atividades de confraternização, e até as 12 hrs. do dia 15 já haviam chegado a maioria dos jovens que iriam participar das atividades. — Lá estavam, Maringá, Londrina, Curitiba, Ponta Grossa, Joinvile, Ipoméia, Pôrto União, Pôrto Alegre e também, para nossa grata surpresa,

continua na página 143

Já no primeiro dia tivemos uma aula de danças folclóricas.

Todos estavam atentos

O irmão Otto Reader teve que vender 50 livros de Mormon para vencer este concurso de vendas.





O Volei feminino também estava presente. Curitiba venceu



Todos torceram nas provas de atletismo.



Houve muitos atletas. Este é Santos José, camp. dos 100 metros.

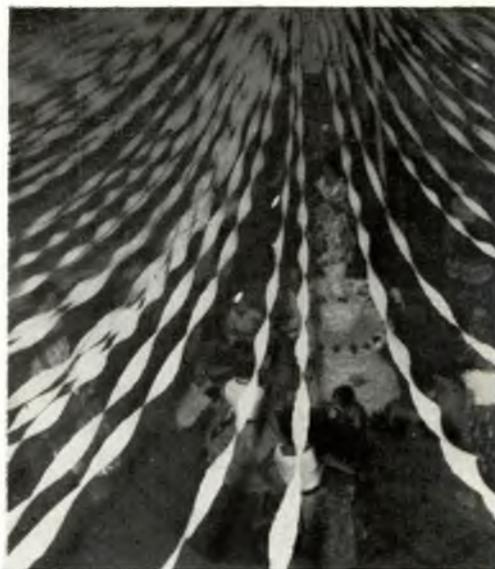
Quão Perto dos Anjos é a Juventude que é Limpa

Este baile não será jamais esquecido. Foram momentos inolvidáveis.

Uma dança cigana foi apresentada pelos ramos da cidade de Curitiba.

O irmão Jorge Aoto se destacou no conhecimento do evangelho e também foi receber o troféu de basquete.

A ornamentação estava esplendorosa e serviu de maravilhoso cenário para a entrega dos prêmios.





O irmão Wilson Lima, embora sendo um dos nossos mais novos irmãos, também tem um testemunho muito forte. O irmão Wilson venceu o concurso de Oratória para os rapazes.



Mesmo quando começou a chover os testemunhos não pararam.



O ping-pong foi muito concorrido. Eis uma fase do torneio.



Ao irmão Leury Hardes que coube desenhar a ornamentação do baile.



1^a

CONFERÊNCIAS DOS JOVENS



Era bem cedo mas todos estavam lá no bosque.



Foram proferidos belos testemunhos. Cada um aguardava sua oportunidade.

O lugar, tempo, espírito, tudo colaborou para um belo picnic.



Durante 4 horas ninguém descansou os ouvidos, pois de cada coração saíram as melhores palavras.



O irmão Gert Folz teve que lutar muito, mas acabou vencendo o concurso de conhecimento do evangelho.



Daniel Samways venceu no ping pong e também tirou segundo lugar no conhecimento do evangelho.



A irmã Emery Silva, com palavras venceu o concurso de oratória para as moças.



Ouvimos belos números por todos, mas este grupo, José Luiz — Jane Delvaux — Izabel Peixoto e Leny Bellanca, foram os vencedores na música.



Ouvimos belos números por todos, mas ano para as mãos do ramo de Ponta Grossa. Todos foram recebê-lo.



Os shows foram de estilo muito variados e todos agradaram.



Na noite dos talentos, Ponta grossa se fez apresentar com uma peça teatral.

TALENTOS



A irmã Danacê Gerke mereceu a honra da melhor desportista da conferência.



A irmã Diva Faustine foi receber o troféu do Show para Pôrto Alegre.



Foi difícil a escolha mas o irmão Nadir Samways, realmente foi o melhor desportista deste ano.



Ninguém perdeu a oportunidade de confraternizar-se, alguns fazem planos pelo futuro.



A irmã Leny Bellanca coube receber a honra de ter desenhado a flâmula da nossa conferência.

(continuação da página, 138)

alguns irmãos da Missão Norte, aos quais agradecemos a participação.

Era evidente que todos haviam trazido consigo seu entusiasmo e uma grande vontade de progredir e ganhar um testemunho mais forte sobre o evangelho.

Depois dos registros individuais tiveram início as atividades da conferência, quando recebemos as boas vindas do Presidente e Sister Sorensen. Já então ganhamos algumas instruções sobre a conferência, uma aula de danças folclóricas e como clímax daquela tarde maravilhosa recebemos muitas instruções sobre a palavra de sabedoria na Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Todos puderam então, compreender muito melhor porque as drogas como o álcool, fumo, chá e café e outras bebidas fortes, atacam nossos sistemas e aparelhos, prejudicando nossa saúde.

Neste primeiro dia conhecemos nosso refectório e também a comida excelente que haveríamos de ter durante a semana. Após o jantar nos preparamos para o primeiro baile que teríamos. Foi com música de toca discos e bem a vontade mas um ótimo tempo de confraternização e amizade entre todos.

Realmente foi um bom início para o que haveria de vir. Nossos alojamentos foram ótimos para o nosso descanço e em lugar tão confortável a noite passou num relance.

Novo dia. Durante a manhã aprendemos muito com um discurso sobre "oração" e com as aulas de educação física para as moças e rapa-

zes, lecionadas pelos dois novos professores desta cadeira em nossa Missão do Sul.

A tarde estávamos todos entusiasmados pois iríamos a um picnic. Saimos em três ônibus, e cantando e nos divertindo chegamos ao lugar chamado Ouro Fino. Realmente foi uma experiência maravilhosa nos reunir assim, em um lugar tão cheio de paz e harmonia, onde tudo unia-se num só conjunto. As árvores, flôres, quedas d'água, caminhos ladrilhados de pedras brancas, a relva tão verde e macia, o silêncio e a paisagem em si mesmo faziam-nos sentir ainda mais perto dos anjos.

Aproveitamos aquêlo tempo tão inspirador e em conjunto ouvimos as palavras que haviam sido preparadas para nós. Ouvimos com ouvidos e corações abertos as experiências espirituais de nossos líderes e outros Santos da Igreja, e também sôbre a importância do dia do sábado.

Finalmente, talvez um pouco cansados por causa das atividades, voltamos aos alojamentos realmente satisfeitos para conosco mesmo.

Novo raiar de sol, outro belo discurso, desta feita sôbre a "Queda de Adão", e ainda na mesma manhã aprendemos muito mais sôbre regência de música.

Não há dúvida que todos os concorrentes ao concurso de oratória estavam bem preparados, e como resultado tivemos numa só tarde entre os 13 participantes, 13 belos discursos e 13 momentos inesquecíveis.

A noite foi reservada para os shows de talentos. Assistimos em algumas horas as semanas de preparação daquilo que os jovens haviam programado apresentar na conferência.

Quinta feira. Com mentes abertas, bem cedo pela manhã, tivemos uma palestra a respeito do "Livro de Mórmon" e logo após algu-



mas instruções sôbre a AMM. — Nesta manhã ainda tivemos outro concurso que serviu para confortarmos interiormente. Os trios e quartetos nos deram belos números e boas horas de distração.

Durante a tarde aprendemos mais ainda sôbre liderança. Nos foi explicado, "como fazer uma aula viver" e instruções teóricas e práticas de "pronto socorro". No desfile de modas as moças puderam recapitular os padrões da igreja sôbre, como vestir-se, pintar-se, andar e comportar-se.

Nesta noite aconteceu o baile mais esperado da conferência.

Tudo era alegria e mais confraternização. Todos felizes e radiantes nos seus vestidos e trajes mais alinhados. A ornamentação, a música, o show apresentado, as luzes, tudo misturava-se numa atmosfera de pureza, amizade e simplicidade.

Depois de alguns dias de disputas de jogos entre o ramos e distritos, agora já sabíamos quais eram os vencedores das competições. Houve a entrega dos prêmios como ponto culminante de outra noite inspirada.

O Presidente e Sister Sorensen fizeram a entrega dos troféus e medalhas aos seguintes campeões de nossa Missão.

Atletismo: 100 mts. Santos José e Rose Mary. 400 mts. Nadir Samways. 4 x 100 mts. Vera Mourão, Ana Maria, Norma Jean e Iracema Couto, 4 x 400 mts. Nadir Samways, Daniel Samways, Franklin Samways e Anatoli Salotoriw. xxx 1500 mts. Nadir Samways.

Natação: Jorgi Aoto e Edit Thomas.

Ping-pong: 1.º lugar, Nadir Samways e 2.º lugar, Santos José.

Futebol de Salão: Venceu a equipe de Pôrto Alegre.



Fomos para a Faculdade de Medicina em ônibus, pois estava chovendo e ninguém queria perder aquela aula da Palavra de Sabedoria.

Basquete, Volei masc. e Volei fem.: venceram as equipes de Curitiba.

Oratória: Wilson Lima e Emery Silva.

Quarteto: Izabel Peixoto, Jene Delvaux, Leny Bellanca, e José Luiz.

Venda de Livro de Mórmon: Otto Raeder (50 livros vendidos).

Flâmula da Conferência: Leny Bellanca

Ornamentação do Bailes Leury Hardessen.

Show: Pôrto Alegre.

Diciplina: Coube êste ano o troféu de diciplina ao ramo de Ponta Grossa. Realmente Ponta Grossa soube cumprir com os requisitos para merecer êste troféu. A êste ramo o cumprimento de todos os seus irmãos da Missão do Sul.

Foram ainda reconhecidos dentre os jovens de nossa Missão as pessoas de Jorgi Aoto, Rose Mary e Harry Klein, que de uma forma muito louvável se destacaram durante o ano em suas atividades pessoais, dando bons exemplos como jovens Santos dos Últimos Dias, que são.

Infelizmente não tivemos conosco o jovem Harry Klein, que nesta época estava no Rio de Janeiro disputando o campeonato Brasileiro de Remo, do qual é campeão agora, e também fazendo eliminatórias para o campeonato Sul Americano que breve iniciar-se-á.

Queremos aproveitar esta oportunidade para cumprimentar e agradecer a participação de todos os ramos que vieram a conferência. Reconhecemos o esforço de cada um, mas principalmente dos ramos de Maringá, Ipoméia, Pôrto União e Joinville que muito tiveram que lutar para poderem participar desta conferência.

Sexta feira. A marcha do tempo era ininterrupta e agora já estamos a um dia do término de tudo. Assim sendo, aqueles que ainda pensavam no tempo faziam tudo para poderem aproveitá-lo melhor.

Começamos o dia com um belo discurso sôbre o "Livre Arbítrio". Passamos logo em seguida a efetuação do concurso de "Conhecimento do Evangelho". — Lá estavam os 12 concorrentes, com o Livro Regras de Fé, "todo na cabeça". Todos aprenderam, os participantes e os concor-

rentes, e no fim do concurso que sômente terminou a tarde, cada um saiu com mais para si, dêste evangelho que é tão maravilhoso.

O Irmão Gert, Folz, de Pôrto Alegre, ganhou o concurso, seguido bem de perto pelos irmãos Daniel Samways e Jorgi Aoto, dos ramos de Ponta Grossa e Curitiba, respectivamente.

Como uma das partes mais instrutivas de tôda a conferência tivemos a oportunidade de ouvir os Drs. Egg e Souza tratando de assuntos sôbre a "castidade". Foram momentos de proveito e aprendizado. Queremos agradecer a êstes dois dedicados professores que tivemos e por tudo quanto aprendemos deles.

Ainda a noite ouvimos as palavras do PRESIDENTE DAVID O. MCKAY, interpretadas pelo nosso irmão José Evangelista de Souza. E como climax de um dia já completo, tivemos a oportunidade de assistir a uma peça teatral, apresentada pelos ramos da cidade de Curitiba, intitulada, "Novamente o Sol".

TESTEMUNHOS: Sim, era isto o que cada um havia adquirido ou desenvolvido muito mais nêstes seis dias que agora já chegavam ao seu ápice e naturalmente todos queriam expressar o que haviam recebido de nosso Pai Celestial. Por êsse motivo a chuva pude impedir de nos reunir em um bosque que serviu de cenário para momentos realmente inesquecíveis.

Começamos a manhã com belos hinos de nossas gargantas já roucas e com palavras inspiradas a nós dirigidas pela pessoa do irmão Hélio Camargo, que veio abrilhantar ainda mais nosso tempo aqui em Curitiba.

Durante 4 horas seguidas lá estavam todos reunidos, atentos aos testemunhos de seus irmãos e também prestando os seus.

Eram testemunhos reais, palavras de agradecimentos, de amor, expressões de alegria pelas bênçãos e progressos alcançados, e finalmente de despedidas. ATÉ O PRÓXIMO ANO, irmãos do Sul.

Reportagem feita por
Elder Nelson Carlos Aidukaitis

DISCURSO PRONUNCIADO ENQUANTO O CONCURSO DE ORATÓRIA, DURANTE A PRIMEIRA CONFERÊNCIA DOS JOVENS DA MISSÃO BRASILEIRA DO SUL

Irmãos

A confiança nas coisas de Deus nos aproxima d'Ele e em consequência dela, tôdas as coisas boas virão.

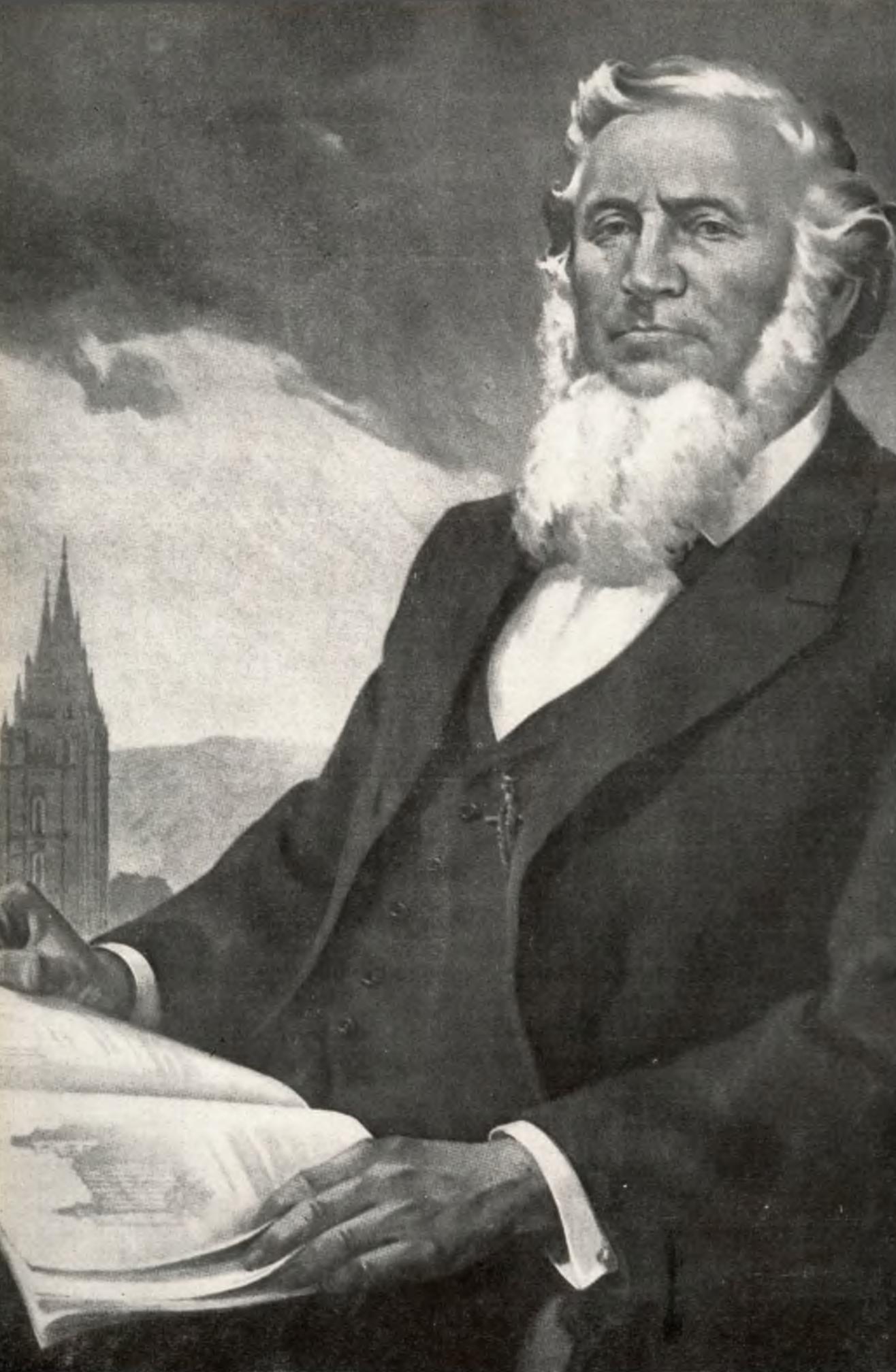
É sôbre esta confiança que falarei.

Qual o significado desta palavra? Será apenas mais uma em nosso vocabulário?

Na 13.^o regra de fé nós lemos que "confiamos na capacidade de tudo suportar".

Por que, nós os Santos dos Últimos Dias, confiamos na capacidade de tudo suportar? — Aí está o sentido desta palavra que nós não de-

(Continua na Página 153)



BRIGHAM YOUNG

Presidente Brigham Young, nascido em 1 de junho de 1801, em Whittingham, Vermont; foi ordenado apóstolo em 14 de fevereiro de 1835; tornou-se Presidente do Conselho dos Doze com a morte do Profeta Joseph Smith; apoiado como Presidente da Igreja em 27 de dezembro de 1847, em Winter Quarters, Nebraska; faleceu em 29 de agosto de 1877, em Salt Lake City.

Numa noite de outono em 1832, um homem, chamado Joseph Smith disse uma profecia. "Chegará o tempo" êle assegurou a um fervoroso grupo de irmãos, "em que Brigham Young presidirá a esta Igreja". A profecia parece especialmente significativa, pois que Joseph Smith e Brigham Young encontram-se pela primeira vez naquele mesmo dia.

O Brigham Young de 31 anos de idade, contudo não era sabedor dessa profecia na ocasião, não sabedor de que a profecia seria cumprida dentro de doze anos seguindo ao martírio em Carthage e à perseguição em Nauvoo. Disto estava êle ciente; que Joseph Smith era o Profeta a chamado de Deus para restaurar o evangelho eterno.

Do seu nascimento em 1801, em Vermont, ao portão do batismo na verdadeira Igreja, o caminho que Brigham Young seguiu foi áspero. Ao longo daquele caminho êle recebeu a orientação e o amor de uma mãe espiritualmente resoluta, Abigail Howe Young, e de um pai justo, John Young, um soldado da Revolução. Êle conheceu a associação de dez irmãos e irmãs, dos quais alguns mais tarde aceitaram o evangelho. Através daquele caminho, quando êle tinha apenas 14 anos, sua mãe morreu e a família Young foi dispersada. Daí em diante, êle seguiu sozinho seu caminho, tornando-se aos vinte e dois anos um carpinteiro no Canal de Erie. Logo após casou-se com Miriam Works.

Alguns anos mais tarde êle ouviu sôbre a "bíblia de ouro", e os Mórmons, em Mendom, Nova York. Mendom foi um marco inicial na vida de Young. Lá, em 14 de abril de 1832, êle foi batizado e ordenado elder. Setembro daquele ano trouxe a sua primeira visita com o profeta em Kirtland, e a portentosa profecia.

Seguindo êste histórico encontro, a amizade Smith-Young floresceu, e dentro de três anos so-

mente, em fevereiro de 1835, Elder Young foi ordenado apóstolo. Mais tarde, com o profeta êle seguiu, de noite, para Far West, Missouri, e daí dirigiu-se sozinho para Nauvoo, Illinois, onde lutou para proteger os Santos da fúria popular.

Em abril de 1839, Brigham Young, tão doente que mal podia sustentar-se em pé, deixou sua desafortunada família para uma missão na Inglaterra. Lá, em pouco mais de um ano, êle e outros membros dos Doze batizaram entre sete e oito mil conversos.

Depois do martírio, em 7 de agosto de 1844, Elder Young assumiu a direção da Igreja de Deus na terra, e três anos após era ordenado Presidente da mesma.

Para o povo dentro e fora da Igreja, a história dos pioneiros Mórmons é legenda — sua retirada de Nauvoo durante os sopros destruidores de um inverno, em 1846, suas dificuldades de retorno através de um continente, cheio de doença, morte, e inúmeros perigos. A marcha do batalhão Mórmon, é lembrada como uma parte daquelas provas.

A declaração de Brigham Young ao ver o imenso vale e o Grande Lago Salgado em 24 de Julho de 1847, é logo citada por todo Mórmon, crianças e adultos: "Este é o lugar".

Quando em 1850, Utah tornou-se um território, Brigham Young passou a ser seu governador, e os anos seguintes, ainda que arduos, foram de prosperidade. O Templo de Lago Salgado foi começado bem como muitas colônias. Durante um lapso de 30 anos, Presidente Young dirigiu o levantamento espiritual do Reino de Deus, desbravou desertos desconhecidos, construiu templos, um tabernáculo, um teatro, rodovia, estradas de ferro, estabeleceu irrigação nos Rochedos, e findou algumas duzentas colônias com mais de 1000.000 habitantes.

Após uma breve doença, em 29 de agosto de 1877, o segundo Presidente da Igreja falecia.

Um momento antes do seu pensamento, como Estevão, outrora, êle olhou "com firmeza para o céu", e pareceu ter vislumbrado alguém esperando. "Joseph, Joseph, Joseph", vieram as palavras finais. Brigham Young manteve a palavra. Êle tinha o seu dever.



FAÇA ISTO E SEUS PROBLEMAS SERÃO RESOLVIDOS:

Se todo elder na Igreja fôsse convertido a divindade desta grande obra dos últimos dias, se êle soubesse em seu coração, com um conhecimento inabalável, nascido do Espírito, que o Todo-Poderoso estabeleceu realmente o seu reino na terra para os últimos tempos; se o espírito do zelo e devoção encheu seu coração — então todos os problemas com respeito ao ofício na Igreja, a reativação do sacerdócio, e a conformidade com os padrões do evangelho se resolveriam por si mesmo.

Nossos objetivos no grande programa da reativação do sacerdócio são:

- 1) — Conseguir missão na Igreja para todo irmão, de modo que êle possa se entregar ao serviço da causa do Senhor;
- 2) — Auxiliar cada irmão a progredir temporariamente e espiritualmente ao longo do caminho que conduz à vida eterna;
- 3) — Qualificar cada irmão e sua família a receber as bênçãos selantes do templo e verificar se essas ordenanças são realizadas;
- 4) — Guiar e conduzir todos os possuidores do sacerdócio no caminho da justiça de modo que na eternidade êles possam herdar a vida eterna.

Os irmãos que forem convertidos alcançarão estes objetivos. As pessoas convertidas que trabalham na Igreja, guardam seus padrões, pagam seus dízimos e ofertas, freqüentam suas reuniões, conservam-se moralmente limpos, honram o dia Santificado, obedecem a Palavra da Sabedoria, mantêm estrita integridade em seus negócios, santificado, obedecem a Palavra da Sabedoria, participam e se esforçam com tôdas as suas fôrças para cumprir todos os mandamentos.

Nosso problema, como líderes do Sacerdócio, é clara e simplesmente o da conversão. Como podemos converter os nossos irmãos menos ativos e suas famílias? Qual o curso que devemos seguir nesse campo?

Paulo nos dá a chave: *“A fé é pelo ouvir”* disse êle. (Rom. 10:17). Antes que qualquer pessoa seja convertida, quer seja membro da Igreja, ou não ela precisa aprender o evangelho; precisa aprender suas doutrinas; e deve chegar

Sacerdócio

nas

Missões



ao conhecimento de suas verdades salvadoras. Não pode haver conversão enquanto a pessoa ignorar os princípios da salvação. Os irmãos devem saber algo sobre as doutrinas da salvação antes que creiam nelas na ocasião da real conversão ao evangelho. *"A fé é pelo ouvir"*.

Jesus ordenou durante o Seu Ministério: "Procurai as escrituras" (João 5:39). Falando a todos os homens, com respeito as revelações dadas nos tempos modernos, o Senhor exortou: *"Examinai estes mandamentos"* (D e C 1:37).

Moroni disse que antes dos homens ganharem um testemunho da verdade do Livro de Mórmon eles devem "ler" aquele antigo registro. Então, depois de ter ganho conhecimento de seu conteúdo, devem pedir ao Pai, em nome de Cristo, tendo fé nêle, por uma revelação com respeito a sua divindade, com a promessa de que tal conhecimento seja dado "...pelo poder do Espírito Santo". (Ver Mor. 10:3-5). A promessa de Nefi era que os Santos que ganham a vida eterna, conseguem isto "...festejando na palavra de Cristo". (2 Ne. 31:20).

Para os Santos dos Últimos Dias o Senhor enviou este decreto "...ensineis a doutrina do reino aos outros. Ensinai diligentemente, e a minha graça vos atenderá para que sejais instruídos mais perfeitamente em teoria, em princípio, em doutrina, na lei do evangelho, e em tôdas as coisas que pertencem ao reino de Deus e que vos é necessário compreender". (D. e C. 88:77-78).

É verdade — tão verdade que nunca pode ser salientado demais — que os Santos devem apresentar um exemplo de vida reta perante todos os homens. Mas só um bom exemplo não pode converter uma pessoa a verdade. A nossa conduta adequada faz com que outros prestem atenção as verdades que ensinamos. A menos que vivamos o que pregamos, poucos considerarão nossa mensagem. Mas é a real pregação do evangelho que consegue a conversão. *"A fé é pelo ouvir"*.

De acordo com isto, o programa da Igreja chama para ensinar o evangelho a todos os possuidores do Sacerdócio de Melquizedec, ensinando-o eficiente e claramente tanto quanto for possível. Ao ensinar uns aos outros as doutrinas do reino, os possuidores do sacerdócio devem moldar seu programa da seguinte forma:

1) — **FORMAÇÃO METÓDICA.** Todo esforço deve ser feito para que todos os possuidores do Sacerdócio de Melquizedec freqüentem as reuniões do Sacerdócio, do Sacramento e da Escola Dominical. Nossas reuniões o evangelho deve ser ensinado de um modo organizado e sistemático. Deve-se dar lições regulares e ser-

mões apropriados do evangelho. O Espírito do Senhor está presente para tocar os corações de todos aqueles que se adaptam a sua mensagem. E, em análise final, ninguém é convertido a não ser pelo poder do Espírito.

2) — **REUNIÕES CASEIRAS.** A maior parte dos batismos de conversões ganhos pelo Ramo são o resultado direto do sistema de reunião caseira. Os missionários promovem essas reuniões quer na base de uma única família ou de muitas. Nelas eles ensinam os princípios básicos do evangelho.

Através de longa experiência a Igreja achou que seguindo um programa sistemático de proselitismo o maior número de conversos será feito no trabalho missionário. De acordo com isto, é prática quase invariável apresentar aos investigadores as lições no plano padrão de proselitismo.

Mas, conversão é conversão, quer sejam envolvidos os membros e os não membros da Igreja. Um elder inativo e faltoso que tem necessidade de conversão pode ser trazido da verdade do mesmo modo que uma pessoa que nada sabe de restauração.

Segue-se que as reuniões caseiras devem ser realizadas nos lares de todos os possuidores inativos do sacerdócio. A eles e as suas famílias deve ser ensinado o evangelho. Para começo,



pelo menos, as lições devem ser apresentadas no plano missionário regular. A prudência sugere que os escolhidos para apresentarem as lições devem de modo ordinário, ser missionários que regressem e que são competentes e habéis em suas apresentações.

3) — **AULAS DE REATIVAÇÃO.** Virtualmente, todos na Igreja já ouviram falar dos tremendos sucessos e das horas de conversões que resultaram da realização de aulas semanais noturnas de membros seniors e suas espôsas. Precisamente os mesmos resultados fluem de aulas semelhantes quando realizadas por élderes e outros possuidores do Sacerdócio de Melquizedec e suas espôsas. Ta's aulas, devem ser realizadas regular, consistente e repetidamente, em todos os distritos da Igreja.

4) — *ESTUDO NO LAR*. Como resultado do ensino organizado em classes, reuniões caseiras, e nas escolas, não seria muito difícil persuadir o quorum dos membros a estudar regularmente o evangelho por sua própria iniciativa. O quorum bem poderia adotar como projeto regular a leitura das obras padrões. Começar, por exemplo, com o Livro de Mórmon ou o Novo Testamento, e fazer com que todo membro, que queira, leia êsses volumes. Então, prosseguir com as outras escrituras.

O estudo sistemático será de grande valor na batalha da conversão. Ele ajudará a conservar as pessoas conversas na linha de seus deveres.

Realmente, será conosco como o foi na antiga Israel. Depois que Moisés lhes deu a lei do Senhor, êle disse: “*Andareis em todo o caminho que vos manda o Senhor vosso Deus, para que vivais, . . . e estas palavras, que hoje te ordeno, estarão em teu coração: e as intimarás a teus filhos e delas falarás assentando em tua casa, e deitando-te e levantando-te*”. (Deut. 5:33; 6:6-8).

Não há essa coisa de saber muito sôbre o evangelho, de centralizar seu coração tão seguramente sôbre as coisas do Senhor, ou de guardar a lei completa perfeitamente. A conversão real do evangelho é o nosso objetivo. “*A fé é pelo ouvir*”.

Suplemento da Lição para os Mestres-Visitantes do Ramo

LIÇÃO N.º 6

Preparado como um suplemento para a mensagem dos mestres-visitantes de maio de 1960.

A Igreja, desde seu princípio reconhece a necessidade e o valor da recreação saudável e bem planejada. Por certo, nós que desfrutamos da vida moderna, com seu tempo supersonico e complexidades diversas, necessitamos dessa vida tanto quando necessitavam os nossos antepassados que viveram numa era menos tumultuosa.

A precedência, contudo, diz que se deve ter cautela. Nem mesmo os mais entusiasmados defensores da atividade recreativa discordam disto. Essa cautela deve ser aplicada tanto ao volume quanto ao tipo de recreação que temos.

Diz sãbiamente o provérbio que o trabalho sem recreação embrutece o homem; deve-se acrescentar que a recreação sem o trabalho o torna um poderoso inútil. Existem dois extremos aqui e será difícil dizer qual é o mais prejudicial a recreação excessiva ou o trabalho excessivo.

A tendência moderna parece inclinar-se a primeira. De grande importância, nestes dias de crescente indolência, é o tipo de recreação que escolhemos. O lazer, quando propriamente utilizado, pode ser enriquecido e construtivo; quando mal empregado, pode ser uma maldição. Nem todos os tipos de lazer têm o mesmo valor. Alguns são excelentes, outros bons. Certas for-

mas são evidentemente ilegais, imorais ou destituídas de valor — estas devem ser evitadas.

Outras, em si próprias inofensivas, carregam o estigma do mau ambiente ou sociedade e devem também ser rejeitadas.

Há uma grande tendência, hoje, de se exagerar qualquer tipo de recreação — assistir fitas, TV, etc. Neste respeito, nossa geração é a mais passiva na história do mundo. Jogar bola-aocêsto por aquêles que estão aptos a jogar é incomparavelmente mais benéfico do que olhar alguém jogar; aprender a cantar tem mais valor do que ver outros cantar. Há muito mais viver, mesmo na parte recreativa da vida, do que ser simplesmente entretido. Estas formas passivas de recreação tendem a nos tornar espectadores na própria vida e nos rouba, se exagerada — das alegrias especiais que resultam da criação, da participação, da produção. Devemos procurar o equilíbrio na recreação e receber os benefícios de vários tipos.

Se sentirmos a necessidade de descansar e repousar deveremos considerar os benefícios — físicos, mentais e moral — a nós e aos nossos bons amigos.

MEU TESTEMUNHO

Por WILSON LIMA

Ramo I de Curitiba

(vejam página, 140 por foto)

A maneira pela qual encontrei a verdadeira Igreja de Cristo na terra, não só me impressionou profundamente, como também às pessoas às quais tenho contado o ocorrido. Quero ressaltar, logo de início, que acredito, com tóda a certeza, de que tudo o que aconteceu comigo não foi uma simples obra do acaso que fêz com que os fatos coincidissem tão perfeitamente e com tanta segurança. Firmo-me nesta tese de que, a mão de Deus abriu todos os caminhos, fazendo com que no final eu encontrasse e abrisse a porta certa. Deus estêve comigo, pois se Êle não estivesse, eu teria desistido de minha busca logo de início, e não teria persistido com tanta firmeza como realmente fiz.

A primeira vez que ouvi esta palavra “Mormon” foi em 1957, na cidade de Campinas (S.P.), pronunciada com todo o desprezo e ironia possíveis, pelo pastor da Igreja Presbiteriana daquela localidade, numa reunião de escola domínical — mas não liguei para aquilo! Passou o tempo, e num belo dia, durante as férias de meio do ano de 1959, na pequena cidade onde morava (Campos Novos, S. Catarina), folheando ao acaso um número da revista “*Seleções*”, deparei com um bonito templo — aquilo me chamou a atenção. — Voltei as folhas para olhar bem direito, e li o seguinte: “Os Mormons — Sua Vida e Sua Religião”. Alguma coisa me disse para ler aquêle artigo. — Assim que terminei a leitura estava tão impressionado como nunca em minha vida! Tomei nota do nome do Presidente David O. McKay e endereço, e no mesmo dia escrevi para ele. Na carta eu me apresentava, e pedia informações sôbre a vida e religião dos Mormons. Um interêsse para mim estranho se apoderou de minha alma — queria saber mais e mais sôbre os Mormons. Pedi livros emprestados nos quais pudesse encontrar alguma coisa que falasse dessa gente. Mas as férias terminaram e tive que voltar para o colégio. Lá chegando, um amigo meu notou que eu estava muito diferente, e perguntou o que acontecera, e então narrei-lhe tudo. Infelizmente êle não podia me dizer nada, pois também ignorava

o assunto, mas me aconselhou a que procurasse então estudar os fatos, se tal me impressionava tanto assim. Percorri, então, tôdas as livrarias da cidade, para ver se encontrava alguma obra que falasse, ao menos algumas linhas sôbre os Mormons. — Percorri bibliotecas, e pude encontrar um único livro que falava alguma coisa: era o livro, *História das Religiões!* — Mas isto não me satisfêz. — Queria mais e mais. Além de não saber da existência do Mormonismo no Brasil, não encontrava livros que falassem do assunto.

Mas Deus faz tudo na mais completa perfeição. — Em meio a êste estado de agonia e em busca de uma resposta, veio uma carta de Salt Lake City — era a resposta à carta que enviara de minha casa, escrita pela secretária do Profeta. Aquela carta foi como um fortificante, pois me deu mais energia para procurar a verdade! Nela a secretária dizia para me dirigir a sede da Missão Brasileira em S. Paulo, pois ali êles me daram tôdas as informações que eu quizesse. Isto aconteceu em meados de setembro de 1959. — Mas quase no fim do mês de setembro tive que vir a Curitiba, para me apresentar ao Exército. Aqui chegando, minha situação militar complicou, e tive que ficar um mês inteiro para solucioná-la. Durante êste mês minha busca continuou, pois como não escrevera a S. Paulo, pensei que aqui pudesse encontrar alguma obra em alguma das inúmeras livrarias existentes — mas qual o que! Percorri quase tôdas as livrarias, e nada! Estava quase desistindo quando me passou pela cabeça ir a Biblioteca Municipal, pois quem sabe encontrasse ali alguma coisa. Qual não foi minha alegria e surpresa quando percorrendo as estantes da biblioteca encontrei um livro com os seguintes dizeres: “*O Livro de Mórmon!*” Como é difícil explicar a alegria que senti quando encontrei êste livro. Minhas visitas à biblioteca se tornaram então regulares, pois ali passava horas lendo êste maravilhoso livro.

Um belo dia chegou à uma casa vizinha de meu tio (eu estava hospedado na casa de meu

tio) um rapaz. Fui levado até lá para conhecê-lo. Conversa vem conversa vai, começamos a falar sobre religião. Nisto alguma coisa dentro de mim disse: “Pergunte a êle! — e eu obedeci. — Perguntei-lhe se já ouvira falar dos Mormons, visto ser êle um ótimo conhecedor de religião, como realmente o era. Êle pensou um pouco e disse — “Se não estou enganado eu já fui uma ou duas vèzes na Igreja dêles aqui”. Quando êle me disse aquilo, meu coração começou a pular, e não mais de tanto pular! Aí o rapaz tomou uma chuva de perguntas. — Como também êle não conhecia muito bem a cidade, me ensinou mais ou menos onde era a Igreja. No dia seguinte estava eu correndo pelas ruas perguntando pela Igreja — perguntava aqui e ali e ninguém me respondia — ninguém sabia da existência de tal Igreja. Obedecendo às instruções do rapaz, devo ter caminhado algumas dezenas de quilômetros. Hoje vejo que até passei várias vèzes pela frente da Igreja, mas não encontrava. — Alguma fôrça, estranha me deu energias para que procurasse sem desanimar. Vários foram os dias que saía de manha e de tarde à procura, sem nunca encontrar. Mas ao chegar em casa depois de um dia inteiro de busca, uma grande surpresa me aguardava: minhas primas estiveram aquela tarde em casa de uma amiga, e coincidiu de naquela mesma tarde duas Sisters irem naquela mesma casa! Em conversa, minhas primas falaram sobre mim, e elas então deram o endereço certo da Igreja. Mas para achar a rua não foi muito fácil, pois como já disse, não conhecia quase nada em Curitiba. Tomei um ônibus que me disseram percorria esta rua. Já dentro do ônibus, e êste em movimento, olhei para fora, e meu olhar foi direto a uma tabuleta na porta de uma casa grande, que dizia assim: *Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Ultimos Dias!* — meu coração deu pulos de alegria e felicidade! Desci do ônibus, e fui até o local. — Era sábado de tarde. — Dentro havia um quadro de anúncios, e vi que naquêle mesmo dia às 20 horas haveria uma reunião — era a A.M.M. Voltei para casa felicíssimo. Às 20 horas estava eu entrando na Igreja. — Depois de tanto tempo de busca sem descanso, foi aquêle um dos momentos de maior felicidade em tôda a minha vida! Naquela noite havia uma reunião especial, não havendo então divertimentos na A.M.M. Entrei meio encabalado e desajeitado, sentando-me no último banco. A reunião já começara. — Assim que houve o encerramento com a última oração, levantei-me para sair. Qual não foi a minha surpresa ao ver uma mão estendida para mim, e ouvir uma voz amiga dizer: “Boa noite — como vai?” Confesso que fiquei realmente surpreso,

pois não esperava por isso, pois eu era alí um desconhecido, um estranho. — Era a mão e a voz do Irmão Gustav Salik! Conversamos um pouco. Logo chegou o Elder Broadbent, dirigindo-se ao Irmão Salik com as seguintes palavras: “Puxa! Passei a tarde tôda escrevendo uma carta para um rapaz do Rio Grande do Sul.” Ao ouvir isto perguntei: “Não foi para Wilson Lima, em Passo Fundo?”. Êle então respondeu que sim. Não pude conter o riso — e falando meio rindo disse-lhe: “Pois Wilson Lima sou eu!” Ao ouvir isto Elder Broadbent quase caiu! Mas não sei se êle ficou mais surpreso do que eu.

O que muito me impressiona irmão, é o fato de que logo que li o artigo na “*Seleções*” já me considerei um Mormon! Quando os Êlderes falaram-me sobre a Igreja e seus princípios, parecia-me que tudo aquilo já era bastante conhecido por mim. Não sei explicar o porquê, mas só sei que eu já era um Mormon! Assisti aquelas reuniões especiais no sábado e domingo, e terça-feira voltei para Passo Fundo, com o *Livro de Mórmon* debaixo do braço! lá não me dediquei ao estudo do *Livro* como devia, mas terminei o ano e vim para Curitiba, onde fui batizado no dia 23 de janeiro de 1960.

Era presbiteriano, nascido em lar presbiteriano, mas nunca minha vida foi tão cheia de bênção, alegrias e felicidade como é agora! Eu me considero a pessoa mais feliz dêste mundo, pois para se ser feliz basta se ver a vida sob o ponto de vista Mórmon, e então não existirá ninguém mais feliz e alegre do que a gente! Meus pais e irmão não são Mórmons; rogo a Deus que coloque em seus corações esta mesma certeza que colocou em mim, de que esta é a verdadeira Igreja de Cristo, para que assim êles também possam possuir esta mesma felicidade que eu possuo.

Meus irmãos, para finalizar, deixo convosco um pensamento, que agora analisando eu posso dizer com tôda a certeza de que é verdadeiro, e de que se a pessoa se esforça para torná-lo realidade, confiando sempre em Deus, conseguirá. Diz o seguinte: “*Pedi e dar-se-vos-há; Buscai, e encontrareis; batei e abrir-se-vos-há. Porque aquêle que pede recebe, o que busca encontra, e ao que bate, se abre*”. *Mateus 7:8.*

Deixo aqui o meu testemunho sincero de que sei que estou na verdadeira Igreja de Cristo, e de que tôdas estas coisas que nela aprendemos são verdadeiras. Deixo isto em nome de Jesus Cristo. Amém.

vemos apenas saber ler e repetir, mas também compreender. — Para podermos dizer que confiamos na capacidade de tudo suportar, sinceramente, precisamos confiar que o plano de Nosso Pai Celestial é perfeito como Ele o é.

Jesus Cristo deu-nos o maior exemplo desta confiança, sacrificando-se por todos nós. Ele confiou no Pai e sabia que Seu sacrifício não seria em vão. O Pai havia planejado tudo com justiça.

Podemos dizer com muita facilidade que confiamos em tudo o que vem de Deus. Tentemos então prová-lo com ações, pois, palavras nós aprendemos e também esquecemos facilmente.

Para vencermos precisamos confiar que nosso trabalho pela causa de Deus não será em vão, que se fizermos todo o possível para seguirmos o caminho de retidão que nos tem sido mostrado, seremos recompensados.

Às vezes acontecem-nos coisas quase sem importância que nós transformamos em coisas desagradáveis também os outros, talvez por não deixarmos que o raciocínio trabalhe no intervalo entre o acontecido e a nossa resolução.

Muitas são as coisas que nos levam à isto, mas uma delas, talvez a mais importante, principalmente para nós que estamos na Igreja de Jesus Cristo, é a falta de confiança na justiça de Deus.

Se nós recebermos alguma coisa má devemos lembrar que se nós revoltarmos sem refletir, estaremos repetindo o que ouvimos e se achamos errado não devemos repeti-lo, se não estaremos também fazendo uma coisa má.

No começo eu falei que as coisas boas virão em consequência da confiança que tivermos em nosso Pai Celestial. — Já vimos que ao refletirmos com calma quando atacados, estamos dando mais um passo certo, pois não caímos no mesmo erro do outro e ao mesmo tempo estamos dando oportunidade à este, que talvez no momento

precise de mais compreensão que nós, de arrepende-se.

Estaremos ganhando novamente um amigo ao tentarmos compreendê-lo em lugar de condená-lo.

Confiando, estudaremos mais para podermos levar o Evangelho aos que não o conhecem, dando-lhes a mesma oportunidade que temos.

Confiando, seremos reverentes e seguiremos com mais segurança todos os exemplos que nos são dados através de revelações.

Confiando, teremos mais amor ao próximo e deixaremos certas convenções dos homens para vivermos as leis puras de Deus.

E quantas, quantas outras coisas virão ainda, irmãos. Nós vivemos numa época maravilhosa em que nos são abertos os olhos para todas as coisas, em que nos é mostrado o caminho que nos conduzirá novamente ao Pai.

Ele nos prometeu que se seguirmos a Sua vontade, se formos retos, voltaremos à Sua presença. E não nos deixou cégos sem saber por onde voltar. Mostrou-nos qual o caminho e continua nos orientando.

Que maior felicidade poderíamos desejar durante a nossa prova aqui na terra, irmãos? Então, sabendo que depende unicamente de nós a nossa própria salvação, o que nos falta ainda para lutarmos sem fraquejar? — Talvez não tenhamos confiança suficiente nas promessas de nosso Pai Celestial. — Vamos confiar e lutar juntos para juntos voltarmos à Sua presença.

Confie em nEle e em nossa capacidade de melhorar, pois fomos criados por Ele para atingirmos a perfeição.

Este é o nosso desejo, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Leny Tonietti Bellanca

17/2/60. — Curitiba

(continuação da página, 137)

da Missão Indígena de Santa Clara. Desejo que o senhor assuma imediatamente suas funções.

Continue entre os índios a política conciliatória que sempre recomendei, e busque por palavras de retidão obter seu amor e confiança. Exima-se de prometer coisas cujo cumprimento não pode assegurar; procure harmonizar os corações dos irmãos naquela missão, e una-os todos por seus cuidados, com laços de amor, santidade e retidão.

Tudo aqui é paz, e o Senhor está visivelmente abençoando nossa obra; a colheita foi

farta, e nossas cidades estão animadas do rumor laborioso da indústria.

“Não permita que os irmãos se desfaçam de suas armas, mas livra-os da hora da necessidade.”

“Busque direção no Espírito do Senhor, e que Ele possa qualificá-lo para todos os deveres, e a oração de seu companheiro no evangelho da salvação.

Brigham Young”

No começo do outono de 1857, o Apóstolo George A. Smith visitou as povoações do sul de Utah. Ele informou aos santos que um batalhão dos Estados Unidos estava se dirigindo

para lá. Que resultado sobreviria êle afirmou desconhecer, aconselhando o povo a poupar seus mantimentos, e a nada vender aos viajantes para alimentar suas divisas; porque êles poderiam viver de ervas melhor do que nossos mulheres e erianças. Êle declarou que tudo o que nos permitiríamos fazer nas dadas circunstâncias era fornecer pão aos viajantes. Que não negássemos o evangelho, poderíamos sofrer ainda muitas perseguições, sendo compelidos a nos escondermos nos cumes das montanhas. Em tôdas as situações, disse êle, "é bom ter pão".

Quando o Presidente Smith retornou a Salt Lake, o Irmão Thales Haskel e eu o acompanhamos. No caminho, acampamos para dormir na angra "Corn", vinte milhas a sul de Fillmore, com uma leva de emigrantes de Arkansas, que viajava para rota então conhecida como "Califórnia do Sul". Êles indagaram de mim sôbre essa rota e anotaram as informações que dei.

Expressaram desejo de fixar-se temporariamente em algum lugar agradável para recrutar os grupos dispersos, antes de atravessarem o deserto. Eu lhes recomendei, para isso, o extremo sul da Mountain Meadows, a três milhas de onde residia minha família.

Após nossa chegada à cidade de Salt Lake fomos alcançados por novas de que êsse bando, dirigindo-se para o sul, tinha-se comportado indignamente, pilhando galinheiros, sendo acusado de outras irregularidades, e empregando linguagem abusiva com os que os repreendiam. Foi também relatado que êles ameaçavam, com a chegada do exército ao extremo norte do território de subtrair muito equipamento dos povoados mais fracos, do sul.

Chegou ao presidente Young uma mensagem trazendo essas informações e pedindo conselho.

Em resposta, êste enviou instruções gerais aos povoados, aconselhando a deixar passar os emigrantes o mais calmamente possível; e afirmando que havia um batalhão em nossas fronteiras, disse que não poderia-mos prever o que precisariam suportar antes que se acabassem as dificuldades. Êle disse que poderíamos precisar de subir as montanhas, e que desejava todos os víveres em ordem para serem fâcilmente carregados numa tal emergência; e que o fizéssemos da melhor forma possível.

Eu e o Irmão Hastell permanecemos em Salt Lake City durante uma semana, e então iniciamos o retorno a nossos lares no sul de Utah. Pelo caminho, soubemos que o grupo

de emigrantes de Arkansas tinha sido destruído em Mountain Meadows, pelos índios.

Em Fillmore encontramos John D. Lee. Êle informou-nos de que os índios tinham atacado a companhia, e que êle e alguns outros brancos tinham-se reunido ao bando na perpe-tração do massacre. Êsse feito deplorável causou uma sensação de horror e profundo arrependimento à inteira congregação por quem isto foi absolutamente condenado.

No Vale de angra de Cove, encontramos Irmãos que vinham do sul dizendo que os índios estavam-se reunindo para atacar outra companhia de emigrantes. Busquei um cavalo, deixando os carroções, e cavalguei dia e noite. Em Cedar City avistei-me com os Irmãos Samuel Knight e Dudley Leavitt.

Como eu estava cansado da cavalgada e desejoso de dormir, apressei-os em busca dos emigrantes, enquanto eu seguiria mais devagar. Instrui êsses homens a envidar todos os possíveis esforços para salvar a companhia e suas propriedades e a salvar-lhes a vida a todo o preço.

Êles alcançaram a companhia a cento e cinquenta e seis milhas de Cedar City, em Muddy Creek, no próprio coração do território índio. Encontraram um grande grupo de excitados guerreiros, em preparativos para o ataque.

Considerando impossível controlar os índios, êles comprometeram tudo. Fizeram o tratado de que os atacantes levassem apenas o gado livre de caravana, sem interferir com o grupo ou os carroções, nem fazer qualquer esforço para tirar-lhes a vida.

Os índios reuniram o gado que chegava a 480 cabeças, num deserto de 50 milhas, que ficava além de Muddy.

Aquêles irmãos permaneceram com a companhia, determinados a assisti-los na defesa, caso os índios tentassem quebrar o acôrdo.

Os imigrantes continuaram em segurança sua jornada para a Califórnia, enquanto os Irmãos Knight e Leavitt retornaram a Santa Clara.

Na primeira oportunidade, falei com os índios responsáveis por êsse ataque, e êles concordaram em que o gado ainda vivo fôsse devolvido. Escrevi aos proprietários, na Califórnia, e êles enviaram seu agente Sr. Lane, com quem dirigi-me a Muddy e o gado restante foi-lhe devolvido conforme promessa dos índios.

CAPÍTULO VII

Na estação libernal, minha família residia usualmente no povoado de Santa Clara, trinta milhas a sul de Mountain Meadows, lu-

gar para onde se mudavam na primavera, com o fito de pastorear durante o verão.

No fim do outono de 1857, uma companhia apareceu no caminho da Califórnia. Trazia uma carta do Presidente Brigham Young, instruindo-me a atravessar essa companhia e seus haveres a salvo para a Califórnia. Sua maioria era de mercadores que tinham estado negociando em Salt-Lake City, e, antecipando dificuldades entre o povo de Utah e o exército dos Estados Unidos, fugiram para os estados do leste através da Califórnia e o istmo de Panamá.

Chegando a Cedar City, enviaram na frente um mensageiro para entregar-me a carta. Estando eu por acaso, a caminho de Cedar City, cruzei com o mensageiro. Instruí-o a voltar e fazer prosseguir a companhia, à qual eu me reuniria dentro de algum tempo.

Retornei a Santa Clara, fiz alguns preparativos, saindo para encontrar a companhia junto ao córrego, a vinte milhas do povoado.

Quando eu alcancei a estrada da Califórnia, a companhia já havia passado, e tinham-se adiantado um pouco. Querendo alcançá-los, encontrei um homem que viajava sozinho, também em busca da caravana, para juntar-se a ela até a Califórnia.

Quando o encontrei, êle já estava despido de suas roupas e nas mãos dos índios que anteviam um grande divertimento com êle, conforme me explicaram, pois pensavam levá-lo ao acampamento e torturá-lo.

O estranho, percebendo minha influência sobre os selvagens, suplicou que o salvasse, dizendo que se eu assim fizesse êle me serviria por toda a vida.

Repliquei-lhe que não esperava qualquer recompensa por salvá-lo.

Atendendo a sua pergunta, contei-lhe que era "Mormon".

"Bom", falou êle, "eu não sou Mormom, mas desejo que você salve minha vida".

Assegurei ao homem que na circunstância, não fazia qualquer diferença para mim que êle não fôsse Mormom. Disse aos índios para devolverem-lhe as roupas, o que fizeram, com exceção dos sapatos, e eu o levei comigo.

Encontramos alguns índios cercando a companhia, e parecia haver alguma excitação. Um dos mercadores perguntou se eu poderia salvar o navio. Respondi-lhe que não via nada que me pudesse impedir. Êle replicou: "Você pode tomar o leme, mas não nos conduza muito próximo aos rochedos ou bancos de areia; temos muitos presentes para os índios".

Êles desejavam saber o que fazer com

seus animais. Disse-lhes que sabia onde crescia um bom capim e que enviaria dois índios para cuidar do gado; que também dessem-lhes apenas uma refeição e uma camisa cada um, quando trouxessem os animais pela manhã.

Primeiramente recusaram-se a deixar seguir os animais. Afirmei que se eu estava dirigindo, eu o faria à minha própria maneira.

Após algumas confabulações, concluíram ser melhor deixar-me agir. Os animais foram enviados, a cargo dos índios, para serem alimentados, mas eu prezumo que alguns participantes da caravana não dormiram muito aquela noite.

Todos os animais retornaram a salvo à companhia pela manhã. Depois daquilo, todos pareceram sentir-se bem garantidos, e davam-se aos maiores trabalhos para que tudo marchasse conforme minhas instruções.

Após termos viajado umas 60 milhas em direção a angra de Muddy, um Moapats disse-me que os índios daquela extremidade estavam-se preparando para atacar a companhia. Avancei de madrugada no dia seguinte, chegando à travessia do Muddy umas duas horas antes da companhia. Os índios estavam reunidos nas vizinhanças, para atacá-la quando esta estivesse acampada. Pensavam poder facilmente matar os homens, obtendo depois muitos despojos.

Chamei-os em reunião, sentei-me e fumei com êles um pouco de tabaco que trouxera para êsse fim. Então eu disse; "Vocês costumavam me ouvir em outros tempos; vocês acreditam que é bom ouvir e fazer o que eu digo?" Todos responderam, "sim".

Disse-lhes depois que eu ia atravessar com alguns amigos mercadores para a Califórnia, e que trazíamos conosco muitas mantas, camisas e outros artigos úteis. Esperava que êles não permitissem o roubo de nenhum animal, e que se algum se extraviasse, êles o devolvessem ao acampamento. Alguns índios não consentiram imediatamente em deixar que passássemos em paz.

Para maior segurança, mandei buscar suas mulheres e crianças no esconderijo onde tinham sido abrigadas por medida de segurança, como é habito dos índios ao preparar um combate.

Tudo já estava bem melhor ao chegar a companhia. Fui cuidadoso, ouvindo todas as suas conversas, e passei toda a noite com os maiores agrupamentos, de forma que não pudessem fazer qualquer movimento de vulto sem eu ficasse ciente dêle.

(continua no próximo mês)

SEU RAMO

LONDRINA...

Durante o mês de fevereiro tivemos o prazer de ter conosco em nosso ramo, Sisters Olpin e Aoto.

Elas foram formidáveis em arrumar a biblioteca das organizações auxiliares, principalmente da Primária, o que tem facilitado muito nossos trabalhos.

No dia 17 do mesmo mês estiveram no Ramo, os Élderes Broadbent e Aidukaitis para solucionarem os problemas dos jovens que por qualquer motivo não poderiam participar da Conferência dos Jovens.

No dia 14 de fevereiro sob ameaça de muita chuva partimos de Londrina rumo a Curitiba, a fim de assistirmos a Conferência dos Jovens.

Esta foi uma semana inesquecível para nós.

Nós trouxemos muitas experiências para uma melhor vida futura. Com o verdadeiro testemunho de cada um, conseguimos fortalecer os nossos, o qual guardaremos com carinho, junto a lembrança desta reunião testemunhal.

Nós temos a plena certeza que o Senhor esteve conosco.

Sendo que esta conferência foi coroada com tanto êxito afirmamos que a próxima será melhor e a todos os jovens que lá compareceram, nosso abraço fraternal.

Todos os momentos que estivermos juntos serão sempre lembrados com amor e não será por nós esquecido.

A Família Sorensen damos nossos corações e deixamos nossa dedicação.

Aos dirigentes desta conferência, nossos sinceros parabéns.

Eoremi Vincoletto

Ramo de S. José do Rio Preto
Março de 1960

Com o raiar de 1960, também chegaram a essa cidade os Santos dos Últimos Dias, que



desde então vêm se esforçando, com carinho, amor e respeito, no intuito de trazer para dentro de nossa Igreja, almas sedentas de um pouco de amor de Jesus Cristo. A foto acima, mostra um grupo de pessoas, sendo que, poucos são membros da Igreja, no dia de sua primeira reunião, que se realizou a 6 de março, com poucos membros, mas, com muita esperança, e fé, de que breve teremos aqui uma foto com maior número de membros.

Pois assim esperamos que, o Pai Eterno nos proporcione essa divina bênção, cheia de felicidade, para os Santos dos Últimos Dias, e como também para os membros que querem ver reali-

zado êsse maravilhoso sonho nas bênçãos do Senhor.

Muito me orgulho, de ser a primeira pessoa, que recebeu às bênçãos de batismo, na religião dos Mórmons, nessa cidade.

Estava eu, sem ativar uma religião certa, quando, numa linda manhã de janeiro, Deus permitiu que chegassem até minha casa, os Élderes Gary T. Garner e Leo Lynn Kinsman III, para que com seus santos ensinamentos, me fizessem compreender que não se deve viver em dúvida e sem religião. Depois de chegar à conclusão, que essa religião é completa e verdadeira,

dirigi-me às águas do batismo, com plena confiança de estar sendo assistida por nosso Pai Celestial, pois sendo que os Élderes, têm autoridade de nosso Pai Eterno para confirmar essas bênçãos divinas, estou certa de ter praticado um ato, que muito agradou à Deus, nosso Pai Todo Poderoso.

Aquí deixo meu testemunho, agradecendo à Deus, por ter me concedido essa graça, e pedindo d'Ele, proteção e bênção, em nome de Seu Filho Jesus Cristo. Amém.

Elinor



Aquí são três fotografias da igreja em construção, localizada na Avenida Rebouças em São Paulo. A foto acima mostra trabalhos no alicerce do edifício enquanto os outros dois são de trabalhos mais adiantados na estrutura. O progresso do profeta está no horário como planejado.



Missionários desobrigados da Missão Brasileira do Sul



ELDER
THOMAS L. PRICE
TUCSON, ARIZONA



SISTER
NORMA RICHARDSON
BOUNTIFUL, Utah



ELDER
LAWRENCE W. BATES
CASTRO VALLEY,
CALIFÓRNIA



ELDER
RICHARD C. JONES
MERIDIAN, IDAHO

Reminiscências

Missionários desobrigados da Missão Brasileira



ELDER
JERRY L. BAUER
SAN LEANDRO, CALIF.



ELDER
ROGER S. DUTTON
ONTARIO, OREGON



ELDER
CURTIS E. CLARK
ROSEMEAD, CALIF.



SISTER
LOLA D. WASHBURN
MESA, ARIZONA



ELDER
DANIEL A. MARSHALL
OGDEN, Utah



SISTER
CAROL B. WHEELER
SALT LAKE CITY, Utah



ELDER
GARY S. ANDERSON
PROVO, Utah

DURANTE A REVOLUÇÃO MEXICANA
DOIS MEMBROS MORRERAM CORAJOSAMENTE PELA VERDADE

O estampido de seis rifles ecoou através da pequena cidade de San Marcos, não muito distante da Cidade do México. Jesuíta Monroy percebeu que seu filho, Rafael, e seu companheiro, Vicente Morales, estavam mortos.

Pondo um chale sôbre a cabeça, ela apressou-se para encontrar seus corpos, insensíveis à pesada chuva que varria o solo como a lavar a mancha de sangue dos mártires naquele Dia Santificado, 17 de julho de 1915.

A senhora Monroy sabia muito da história que provocou a morte dos dois homens. O resto ela soube mais tarde por um soldado que havia presenciado a sua execução.

Quando os levantes revolucionários no México forçaram o abandono do esforço missionário em 1913, Rafael Monroy, comerciário de aproximadamente 30 anos, foi deixado encarregado do Ramo de San Marcos da Missão Mexicana. Ele era membro da Igreja havia apenas três meses.

Rafael realizava reuniões semanais com o pequeno grupo de sete membros. Ele ensinava o Evangelho a seus vizinhos, e o ramo cresceu. Em maio de 1915, 50 pessoas haviam sido batizadas, 75 freqüentavam as reuniões.

Nessa ocasião, dois exércitos rivais, lutando pelo controle do país desceram sôbre San Marcos. Por um tempo Carranza controlou a cidade. Depois foi Zapata quem, com seus fanáticos devotos da Virgem de Guadalupe, tomou posse.

Um vizinho dos Monroys, ferrenho opositor de suas atividades religiosas, foi ao quartel general de Zapata e denunciou Rafael como Carranzista e como Mórmon.

Soldados cercaram a casa de Monroy. Rafael foi preso juntamente com Vicente, membro da Igreja que acontecia estar ali em visita. "Deixem as suas armas" ordenou um soldado.

Tirando de seu bôlso uma Bíblia e um Livro de Mórmon, Rafael respondeu: "Senhores, aqui estão as únicas armas que sempre carreguei. São as armas da verdade contra o êrro".

Os dois homens foram torturados, ameaçados e instados a renunciar sua religião. "Minha religião á mais cara a mim do que minha vida por isso não posso abandoná-la", declarou Rafael.

Ele passou a tarde na cadeia lendo e explicando as escrituras a seus amigos prisioneiros e também aos guardas. As 7 da noite sua mãe trouxe-lhe alimento. Rafael abençoou-o mas não o comeu. "Estou jejuando hoje", disse êle.

Momentos mais tarde êle e Vicente marchavam para uma grande árvore nas emediações de San Marcos. Ofereceram-lhse a liberdade se abandonassem sua religião e se unissem aos Zapatistas. Êles recusaram.

Permitiram a Rafael orar. Êle ajoelhou-se e pediu proteção para sua família e para o pequeno ramo. Finalmente orou para os seus executores: "Pai, perdoai-os porque não sabem o que fazem".

Levantando-se e cruzando os braços, disse: "Senhores, estou a vossa disposição".

"Nunca vi homens morrerem mais corajosamente", disse o soldado.



Devolver a
A LIAHONA

PORTE PAGO

Caixa Postal 862 — São Paulo, Est. S. P.
Não sendo reclamada dentro de 30 dias.